

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE PSICOLOGIA

ANDRESSA KELLY PINHEIRO ROCHA

**O CAMPO PSICANALÍTICO E OS SEUS IMPASSES COM O DESEJO DO SUJEITO
MULHER**

São Luís – MA

2019

ANDRESSA KELLY PINHEIRO ROCHA

**O CAMPO PSICANALÍTICO E OS SEUS IMPASSES COM O DESEJO DO SUJEITO
MULHER**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia com formação de psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Marcio José de Araújo
Costa

São Luís – MA
2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Kelly Pinheiro Rocha, Andressa.

O campo psicanalítico e os seus impasses com o desejo
do sujeito mulher / Andressa Kelly Pinheiro Rocha. - 2020.
52 p.

Orientador(a): Marcio José de Araujo Costa.

Monografia (Graduação) - Curso de Psicologia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2020.

1. Feminilidade. 2. Psicanálise. 3. Subjetividade
feminina. I. José de Araujo Costa, Marcio. II. Título.

ANDRESSA KELLY PINHEIRO ROCHA

**O CAMPO PSICANALÍTICO E OS SEUS IMPASSES COM O DESEJO DO SUJEITO
MULHER**

Monografia apresentada ao Curso de Psicologia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia com formação de psicólogo.

Aprovada em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Marcio José de Araújo Costa
Universidade Federal do Maranhão
(Orientador)

Prof. Dra. Giovana Abreu Vieth
Universidade CEUMA
(Examinadora)

Prof. Dr. Carlos Antônio Cardoso Filho
Universidade Federal do Maranhão
(Examinador)

Dedico este trabalho a todas as mulheres que não tiveram sua palavra aceita e por consequência, também tiveram sua existência negada; escrevo, hoje, pelas que vieram antes de mim, e para abrir caminhos às que ainda virão.

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço à minha mãe, Neta – como prefere ser chamada. Desde que me entendo por gente, a vejo topando minhas maluquices e comprando meus sonhos. Lembro bem do início da minha vida escolar, dela me dando um monte de cadernos que eu enchia de histórias e pinturas – tomei gosto pela escrita e pela leitura naquela época. Além de me achar artista, e mesmo sendo uma artista de araque, fui uma criança instrumentalizada, o que quer dizer tive uma mãe que me deu matéria, corda, pude pintar e bordar. No melhor dos sentidos, ressonâncias do que sou hoje, ela me deu muito. Ela pragmática, eu amante das palavras, e mesmo sendo tão diferentes, ela foi, e continua sendo o meu maior exemplo de mulher, de coragem, de trabalho... Têm tanto dela nessas linhas, que eu não saberia dizer. Aqui, vão meus profundos agradecimentos por ter investido em mim seu amor e apostas.

A Andrey, meu irmão, a outra parte da minha família – tem sido nós três há alguns anos. E ele, a parte palhaça, tanto que às vezes irrita e mesmo assim, me ensina muito sobre simplicidade, sobre riso fácil, sobre desarmar; ele é meu irmão mais novo que eu queria proteger do mundo inteirinho. À Carol, essa grande amizade que pude construir na graduação; lembro que foi só a gente se aproximar para que houvesse uma identificação quase que imediata, o jeito gótico dela não foi páreo para as minhas palhaçadas. Depois, veio a confiança, as longas confissões e os ombros tão importantes em momentos difíceis. Obrigada por ter me aguentado verborrágica e empolgada com um copo, – tu tens um lugar no céu *mermã*. Saibas que te trago comigo, no teu afeto nos pequenos gestos, e teu grande companheirismo diário.

À Mel, que se foi há pouco, mas me acompanhou por tanto tempo; ela e a minha casa eram quase sinônimas. Minhas chegadas não poderiam ser mais festejadas e jamais poderia agradecer o suficiente à natureza por essa ligação; minha cachorrinha barulhenta, afetuosa, grudada comigo, que pulava em minha barriga e me esquentava, meu acalento.

Agradeço a Márcio Costa, querido professor e grande mestre, a parceria de longa data, coroada por esse trabalho, gestado nos encontros do Transversalidades, nos momentos de sala de aula e do estágio. Agradeço pela transmissão ética em psicanálise, por ensinar com prazer, empenho e cuidado suficientes para não me deixar para trás. Obrigada pela revolução que fez no meu percurso acadêmico e de vida, me ensinando sobre máquinas e devires. Por potencializar meu trabalho na clínica – lugar tão caro a mim. Tantas foram as vezes que me disse para que eu me autorizasse, tomasse o meu lugar, confiando no meu percurso, e assim, me ensinou sobre uma clínica amorosa e firme.

Sobre Cláudia Aline, quando penso numa mulher forte, humana, apaixonada pelo que faz e briguenta pelo acredita, no curso de psicologia, me vem ela. Nunca vou me esquecer de uma das primeiras vezes que a vi em sala de aula e do impacto com sua postura, forma de falar e brilho no olhar. Emanava segurança em tudo. Agradeço imensamente por ter me recebido em seu projeto de plantão psicológico, tão paciente e acolhedora. Me ensinou sobre promoção de saúde e cidadania – obrigada pelos ensinamentos humanos e profissionais, grande professora e pessoa. Aproveito para estender esses agradecimentos à equipe do Plantão Psicológico Centrado na Pessoa, também responsável por esse espaço tão potente, e, em especial, a Edson, David, Francis e Wenderson, por terem me proporcionado uma passagem tão cheia de companheirismo em meio à construção de uma clínica tão sensível, comprometida e social.

Agradeço ao grupo de pesquisa e estudos Transversalidades por tantos anos de transbordamento, excesso e encontros afetivos, a falta foi apenas acessória. Aos “esquizoamigos”, Márcia, Natássia e Nicolau. À Márcia, o carinho imenso para comigo; sem dúvida, é uma das pessoas mais gentis e genuínas que encontrei nesse percurso. Agradeço a cumplicidade, os papos malucos, alegres e a capacidade de mostrar outras perspectivas. A Nico, grande amigo, que com seu jeitão de menino, aprendiz de Manoel, como eu, das coisas ínfimas, e desprezioso, me ensinou tanto com humor e poesia. À Natássia, pelos longos e reconfortantes abraços, pelo afago em forma de convite pro café, deixando a rotina dura da UFMA mais leve, bem mais leve.

Aos demais amigos igualmente essenciais, agradeço pelos carnavais, festivais, pelos bambus, “keilas”, pelos ventos esperançosos de juventude, alegria e pela vontade de mudar as coisas. Obrigada por celebrarem e sonharem comigo, pelo desejo pulsante de vida, e pelas microrevoluções a olhos vistos. Deixo, aqui, meus agradecimentos a Thereza, Emanuelle, Nathalia; Luciane, Creuziane, Elias; Lucielle, Thiago, Camilla; Rafaela, Adriano, Matheus, Fernanda, Lorena e Isac.

“Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide”.

Deleuze e Guattari

RESUMO

O trabalho em questão se debruçou na investigação das representações e produções sobre o feminino dentro do campo psicanalítico, voltando-se sobretudo, ao discurso freudiano, percorrendo a trajetória onde a própria psicanálise é forjada e se confunde com a história de algumas mulheres, surgindo nas linhas de silhuetas femininas. A clínica da histeria é tomada como um campo de experimentações clínicas, onde claramente, houve a construção de um território onde a mulher pudesse falar, um lugar outro em meio a um cenário histórico e estrutural de invisibilidade do sofrimento feminino. Contudo, é latente nesse lugar analítico, a coexistência de contradições e ambiguidades no discurso freudiano, produtores de impossibilidades e restrições para o psiquismo feminino, reproduzindo enunciados sociais de hierarquização entre os sexos pouco discutidos e, por vezes, naturalizados. Diante de alguns desses impasses, objetiva-se, a partir do método da cartografia de Deleuze, Guattari e Rolnik, mapear os limites e possibilidades que o conceito de feminilidade na psicanálise freudiana apresenta, buscando sua interlocução com saberes e práticas que igualmente disputam a narrativa da sexualidade na contemporaneidade, tais como os estudos de gênero de Butler e Preciado. Dessa forma, a diferença sexual em psicanálise é discutida em suas implicações culturais, sociais e políticas, como dispositivo teórico que possui centralidade na produção de subjetividade ao se apresentar como fundamental na constituição do sujeito. Objetivamos a partir do exposto, a possibilidade de escuta da multiplicidade do desejo feminino na contemporaneidade pela clínica psicanalítica – problematização essa que pode vir a enriquecer a clínica psicanalítica ao vislumbrar a criação de outros lugares para a diferença sexual.

Palavras-chave: psicanálise; subjetividade feminina; feminilidade.

ABSTRACT

The present paper focused on the investigation of the representations and productions about the feminine within the psychoanalytic field, turning above all to the Freudian speech, following the trajectory where psychoanalysis is built and is confused with the history of some women, emerging in the Female silhouettes lines. The clinic of hysteria is taken as a field of clinical experimentation, where, clearly, there was the construction of a territory where women could speak, a different place in the midst of a historical and structural scenario of invisibility of female suffering. However, it is latent in this analytical place, the coexistence of contradictions and ambiguities in Freudian discourse, producing impossibilities and restrictions for the female psyche, reproducing social statements of hierarchization between sexes, not so discussed and, sometimes, naturalized. Given some of these impasses, this paper aimed, based on the cartographic method of Deleuze, Guattari and Rolnik, to map the limits and possibilities that the concept of femininity in Freudian psychoanalysis presents, seeking its interlocution with knowledge and practices that equally dispute the narrative of sexuality in contemporary times, such as the gender studies of Butler and Preciado. Thus, the sexual difference in psychoanalysis is discussed in its cultural, social and political implications, as a theoretical device that focus on the production of subjectivity since it presents itself as fundamental in the constitution of the subject. From the above, we aimed to listen to the multiplicity of female desire in contemporary times by the psychoanalytic clinic - a problematization that may enrich the psychoanalytic clinic by predicting the creation of other places for sexual difference.

Keywords: Psychoanalysis; female subjectivity; femininity.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O MITO DE MNEMOSYNE: MEMÓRIAS DE UMA CLÍNICA FEMININA	18
3 ÉDIPO: UMA FANTASIA SOBRE O SEXO OU A FANTASIA DO SEXO?	27
4 SAEM OS MITOS, ENTRAM AS MÁQUINAS	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

À sua imagem e semelhança, primeiro veio o homem, o primeiro corpo, a materialidade que funda as outras, originada diretamente da vontade de Deus, seu Pai. O outro, o resto, a mulher, vem de uma costela, da carne do primeiro homem, de uma substância já determinada, nascida da vontade do homem que desejava um animal que lhe correspondesse. É a narrativa cristã cristalizada e seus efeitos que nos é apresentada e que povoa o imaginário da cultura ocidental há séculos, sobre os lugares da mulher e do homem. O desejo empreendido nesse trabalho é para contar sobre os percursos de um outro princípio, a da gênese psicanalítica.

Quando o corpo da histérica em sua conversão de gritos cortantes, arfados, angustiados, fala sobre o feminino, nasce a psicanálise – nascimento não convencional por meio de um corpo adoecido que, supostamente, não exercia sua função reprodutiva, vista como natural. O parto da psicanálise, mediado pela escuta e palavras de Freud, vislumbrou outras saídas, a fuga do destino social da histérica. Quando Emmy Von N., uma das pacientes históricas de Freud, pede para que ele pare de interrompê-la, demandando muito mais de sua escuta, gradativamente, este vai abandonando a técnica de hipnose e de concentração para o desenvolvimento da associação livre. Um espaço se abre para a fala daquela mulher, na sua famosa recomendação que incita uma fala sem censura com a condição de que do outro lado o analista seja livre de juízo (JORGE; FERREIRA, 2004).

Como exemplificado, na clínica da histeria, parece claro o posicionamento clínico de Freud na construção de um território onde a mulher possa falar. Contudo, como pontua Birman (2016), em paralelo à construção desse lugar outro, no discurso freudiano, é latente a coexistência de contradições e ambiguidades que produzem impossibilidades e restrições para o psiquismo feminino, como uma menor capacidade de sublimação. Esta ideia foi promovida no texto *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* de 1925, onde Freud (1925/2018) discorre sobre os efeitos da diferença anatômica entre os sexos e os efeitos ligados aos ditames produzidos pelo complexo de Édipo e pelo complexo de castração.

Com isso, nosso trabalho objetiva compreender os limites e possibilidades que a feminilidade em psicanálise apresenta diante de alguns desses impasses. Na busca de novos usos para essas categorias, utilizaremos de outros autores da teoria psicanalítica que ajudam a compreender as contradições e ambiguidades citadas. Igualmente, convocamos outros saberes e práticas da contemporaneidade que disputam a narrativa da sexualidade, como os estudos de gênero de Judith Butler (2003), que fazem uma interlocução com a psicanálise, questionando

algumas estruturas instituídas no discurso psicanalítico, vistas com cunho essencialista e metafísico que impossibilitam pensar as construções culturais que a permeiam, e por consequência, suas transformações. Objetivamos a partir do exposto, a possibilidade de escuta da multiplicidade do desejo da mulher na contemporaneidade pela clínica psicanalítica, problematização esta que pode vir a enriquecer a prática psicanalítica e vislumbrar a criação de outros lugares para a mulher.

Sabe-se historicamente, o que a lógica patriarcal em relação às mulheres, numa promoção de violência sistemática para o que figura e constitui o feminino, produziu sujeição e não reconhecimento do sujeito mulher no âmbito coletivo. Os movimentos feministas do século XX evidenciaram a necessidade de mudança dessas relações, colocando em pauta a materialidade dos conflitos, dos desejos e dos contextos que pudessem permitir uma outra reflexão sobre a diferença sexual e suas consequências (ARÁN, 2000).

Assim, a aposta na teoria psicanalítica como possibilidade de repensar essas relações de violência e sofrimento, de forma crítica, se justifica no seu estabelecimento como prática e teoria na escuta do sofrimento, na ética do acolhimento daquele que padece e que busca um espaço onde possa ser sujeito – a exemplo da histórica. Para tanto, se problematiza o discurso analítico que faz a manutenção de um lugar de impossibilidade para o sujeito mulher, atentando para o que sugere Arán (2000), num gradual recalque da experiência histórica, em detrimento do desenvolvimento soberano do Édipo sobre a sexualidade, em seu modelo masculinista. Há posições que sinalizam perspectivas teóricas distintas dentro do campo psicanalítico, fazendo menção de uma discordância fundamental quanto às determinações do Édipo na subjetivação feminina.

A necessidade de investigar os processos de subjetivação feminina na teoria e prática psicanalítica emerge de um posicionamento crítico frente a discursos que legitimam ou reproduzem a condição de assujeitamento da mulher na sociedade. Por entender que relações de violência produzidas pela questão de sexo-gênero são construções sociais, culturais, e discursivas, pode-se considerá-las passíveis de serem discutidas e conseqüentemente, desconstruídas. Diante de um cenário alarmante de violência contra a mulher, mostra-se imprescindível uma problematização acerca da estrutura que mantém e reproduz tal modelo de relação.

A ciência psicológica, por sua vez, a partir do seu compromisso social e ético precisa estar implicada e auxiliar na construção de tal discussão junto à sociedade, assim como

buscar formas de acolhimento das demandas complexas que surgem no atendimento desse público. Para tanto, essa possibilidade surge na produção de conhecimento e na aproximação desses fenômenos, em uma ampla compreensão da subjetividade feminina através das ferramentas de vários saberes e suas contribuições.

Para responder a estas demandas, elaborou-se o objetivo geral do trabalho, bem como três objetivos específicos. Como objetivo geral, se considera vislumbrar a construção de um território crítico dentro do discurso psicanalítico que ultrapasse limites normativos e essencialistas acerca da subjetividade feminina, explorando teoricamente e clinicamente as multiplicidades e possibilidades do sujeito mulher. Como objetivos específicos, tem-se, primeiramente, cartografar o discurso freudiano sobre a subjetivação feminina; em seguida, investigar o campo psicanalítico e as múltiplas narrativas sobre o sujeito mulher em seus avanços, retrocessos e impasses; e, por fim, construir interlocuções com saberes e práticas da contemporaneidade que ajudem a repensar a posição do discurso psicanalítico frente à subjetividade feminina e inversamente.

O percurso metodológico que norteou a presente pesquisa é o método da cartografia proposto por Gilles Deleuze e Félix Guattari em suas obras conjuntas, em o *Anti-Édipo* de 1973 e *Mil Platôs* de 1980. A cartografia se dá como prática de acompanhamento de processos e seus movimentos. Pode se dar tanto na clínica psicanalítica, quanto na Psicologia Social, ao acompanhar produções de vida singulares na clínica ou acompanhar traçados históricos, transformações psicossociais por meio de suas produções visuais e discursivas. No entanto, a cartografia se ocupa de um campo de força, ou seja, daquilo que não se reduz à representação, ou aos domínios hegemônicos do conhecimento. Mais do que o reconhecimento do mundo, o pesquisador cartógrafo se põe a inventar um mundo ao pensar a realidade através de categorias críticas, que vislumbrem possibilidades de novas leituras. A pesquisa seria inventiva, justamente pela perspectiva do seu apoio no encontro entre pesquisador e campo de pesquisa (AMADOR; FONSECA, 2009).

As linhas do trabalho em questão surgem da inquietude do meu encontro enquanto estudante de psicologia com as discussões promovidas pela Universidade acerca da subjetividade feminina em psicanálise. Pude perceber nas aulas de Psicanálise da UFMA uma reprodução de enunciados hierarquizantes dos sexos, sem contextualização histórica ou leitura rigorosa. Foi a partir dessa inquietação que o problema se colocou diante de mim. Segundo Amador e Fonseca (2009), a cartografia é precisamente um encontro do pesquisador com um

Fora, com uma questão, onde este se vê forçado a pensar, a lançar um olhar diferente diante de um impasse.

A cartografia, para Deleuze e Guattari (2012), consistiria numa produção de mapas, ou seja, no acompanhamento de múltiplas linhas, tracejando conexões, acoplamentos, e linhas de fugas; numa produção de conhecimento não linear, nem dicotômica ou hierárquica, que não pretenda uma unidade, ou um fechamento em si. Pelo contrário, seria uma produção rizomática, - fazendo menção do rizoma, essa imagem tomada da biologia, um sistema de raízes que tem uma ordem transversal, o qual não se sabe onde começa ou onde se termina, que possui muitas entradas e saídas, tal como a grama. Fazer rizoma é agenciar, conectar campos, práticas e saberes, transversalizar cadeias políticas, linguísticas, biológicas entre outras; é fazer passar o máximo de diferença num determinado campo, enunciadoras de realidades por vir.

A pesquisa foi marcada pelo conceito de subjetividade apresentado por Guattari e Rolnik (1996), de uma perspectiva fundamentalmente processual e de construção social. Os autores situam os processos de subjetivação no entrecruzamento de sistemas maquínicos, ou seja, produtivos, ao mesmo tempo sociais, tecnológicos, de percepção, sensibilidade, construindo o desejo, que se encarnam em sujeitos. Levando em consideração que o discurso psicanalítico representa a mulher e o feminino através de vários dispositivos teóricos e práticos – a histeria, a posição feminina, a feminilidade, entre outros conceitos, incluindo de subjetividade – é necessário cartografar em que espaço conceitual e, ao mesmo tempo, prático e social tais enunciados aparecem e são acionados. Tal estratégia cartográfica nos servirá para compreender e mapear, no interior desse discurso, os elementos e linhas que o compõem, no seu acompanhamento, sem a pretensão de uma definição ou fechamento da questão; pelo contrário, para abrir múltiplas saídas como questões, problematizações, para outras investigações.

A partir dos processos que foram investigados, a pesquisa bibliográfica se deu no intuito da cartografia do discurso freudiano acerca dos processos de subjetivação femininos em psicanálise. Este trabalho concentrou-se em textos vistos como fundamentais na descrição da constituição feminina, como os *Estudos sobre a histeria* (FREUD, 1893/1988), e *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica dos sexos* (FREUD, 1925/2018). Para uma interlocução crítica com a psicanálise, outras obras são levantadas, como a obra *Problemas de gênero*, de Judith Butler (2003), assim como *O Anti-Édipo* de Deleuze e Guattari (2010) e *Gramáticas do erotismo* de Joel Birman (2016), os quais são vistos como condições de leitura

e compreensão da produção histórica e social do desejo em geral e da subjetividade feminina, em particular.

A etapa seguinte se deu pela busca por uma ampliação da literatura secundária em bases de dados digitais, como Google acadêmico e PePsic (Periódicos Eletrônicos de Psicologia), através dos descritores “psicanálise”; “mulher”; “feminino”; “feminilidade”. Os critérios de seleção dos textos se deu pela avaliação da proposta dos trabalhos, quanto à congruência do desejo feminino enquanto produção histórica e social. No momento posterior, a pesquisa se deteve na leitura qualitativa dos textos pesquisados, na investigação dos desdobramentos dos processos subjetivos femininos e nas implicações éticas da clínica psicanalítica quanto à sua representação e tratamento do feminino.

Se mapeou num primeiro momento, a construção do discurso analítico em meio à escuta das mulheres através da clínica da histeria, fenômeno amplamente conhecido nos séculos XIX e XX, caracterizado pela sintomatologia corporal de conversões, contraturas e convulsões. Buscou-se a contextualização do cenário de invisibilidade do sofrimento feminino, seus efeitos repressivos e a discussão desses sintomas como uma forma possível de falar daquelas mulheres.

Também se buscou entender a exploração excessiva do discurso médico em relação ao fenômeno histórico, quando o estudo deste, por vezes, foi feito de espetáculo, com a promoção de intervenções invasivas, além do tratamento para fins normalizadores, com corpos que eram vistos como disfuncionais. Nesse contexto, se investigou o desenvolvimento da clínica psicanalítica, suas implicações com essa conjuntura, e sua aposta um tanto diferenciada na teoria do trauma que recorria a fatores psíquicos como causadores de adoecimento. A lembrança da cena traumática era um instrumento terapêutico; dessa forma, a clínica nos pareceu um lugar onde o polo social e desejante se encontravam, podendo dar vazão a um sofrimento atravessado pela ordem social, no entanto, com traços singulares da história de cada sujeito.

Num segundo momento, a teoria psicanalítica é visada pela sua virada teórica e consequente mudança da leitura dos processos de subjetivação feminina. O mito de Édipo introduz uma noção central em psicanálise: a fantasia. Portanto, o Édipo é discutido em seu estatuto de fantasia familiar, ancorado na figura do patriarca, bem como as produções imaginárias advindas dessa estrutura. Com a fantasia em cena, se evidenciam os aspectos imaginários da construção do gênero. Assim, nos debruçamos sobre as investigações feitas por Freud acerca da constituição das identidades feminina e masculina, através da diferença

anatômica e sua inscrição psíquica. Deste modo, percorremos os efeitos do complexo de castração, problematizando a naturalização da fantasia de inveja e inferioridade na constituição feminina, pelo comparativo da masculinidade e seus signos privilegiados culturalmente, como o pênis. Com isso, buscamos repensar a representação negativa do feminino em psicanálise, na figura da ausência de inscrição psíquica, ao passo que se reposiciona a própria noção de diferença e os consequentes processos de alteridade nas relações.

Por fim, cartografamos as transformações sociais das relações de gênero e a necessidade de se repensar a leitura das mesmas, recolocando as referências simbólicas organizadoras, até então, tidas como imutáveis, como construções históricas, na evidência da diversidade atual do modelo de família, sexo, e da representação social da mulher, outrora restrita ao ambiente privado da família. Mudanças essas situadas em um campo de disputa política, no qual a psicanálise é pensada como mais uma produção discursiva sobre o sexo.

Dessa forma, apostamos nas linhas de fuga do discurso psicanalítico, ou seja, por um campo de fuga das representações hegemônicas e universais da sexualidade, para ir além da binaridade anatômica dos sexos e da heterossexualidade como norma. Para a compreensão do desejo enquanto multiplicidade, promotor de processos de subjetivação que enunciem singularidades, não apenas na clínica, no também contágio do discurso social, aliamos-nos aos estudos de gênero de Butler e Preciado, que discorrem sobre uma produção de subjetividade amparada de parcialidades, performances e excessos.

2 O MITO DE MNEMOSYNE: MEMÓRIAS DE UMA CLÍNICA FEMININA

Começo pela tragicidade dos corpos femininos, pela cena feita de espetáculo assistida por homens de saber – que sabiam, ou supunham, que elas estavam a encenar. Mas como bons homens de ciência, da evidência, não entendiam de teatro, da arte do não aparente, do por detrás dos bastidores, das memórias vivas em cena. Assim, os movimentos histéricos soavam estranhos; para alguns, fingimento, para outros, uma desordem orgânica, sobretudo, de difícil captura pelo discurso científico da época, que lançava suas apostas.

Charcot, médico e cientista francês, famoso pelo tratamento da histeria, lançava sua hipótese de uma origem fisiológica para a mesma. Segundo ele, o fenômeno histérico seria advindo de uma deterioração do cérebro, de cunho hereditário; em casos raros, seria gerado por fatores acidentais ou traumáticos. Voltou-se, então, para o tratamento dos sintomas histéricos pela hipnose, sustentando que a sugestão hipnótica poderia remover ou induzir pacientes normais a tal quadro patológico (JORGE; FERREIRA, 2004). Para Sigmund Freud, por sua vez, introduzido nesse campo teórico pelo ensino de Charcot, se opõe a este, defendendo junto a Josef Breuer que o sintoma histérico era produzido por um trauma psíquico, ou melhor, a lembrança perturbadora, mal elaborada dele (JORGE; FERREIRA, 2004).

Segundo Jorge e Ferreira (2004), Freud e Breuer reposicionam a problemática do trauma ao colocá-lo na centralidade dos sintomas histéricos. Dessa forma, o trauma não era mais visto como mero desencadeador, mas um elemento que continuava a atuar através da lembrança, se mostrando um elemento atual. Ao dar ênfase à memória, se abre precedente para a história de desenvolvimento do trauma, saindo de uma busca de origem meramente orgânica para uma busca arqueológica de “artefatos” do passado do sujeito. A clínica Médica assentada num parâmetro fisiológico vai sendo deslocada para uma clínica do acolhimento de outros elementos, a exemplo do que é exposto no texto *Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar* de Freud e Breuer (1893/1988, p. 41):

Esse método de exame tem produzido, num grande número de casos, resultados que se afiguram valiosos tanto do ponto de vista teórico como do ponto de vista prático. Eles são teoricamente valiosos porque nos ensinaram que os fatos externos determinam a patologia da histeria numa medida muito maior do que se sabe e reconhece.

Os sintomas histéricos são situados na sua relação com o fora, com o pertencimento ao mundo, e com as relações afetivas e sociais da pessoa em sofrimento, como produto de relações sociais traumáticas, nas quais, conflitos internos traduzidos em sintomáticas corporais

contam uma narrativa. Não qualquer narrativa, pois a história que se está a contar é através de corpos femininos. Quando nos deparamos com o início da clínica da histeria, ainda no uso do método catártico, na gestação da técnica psicanalítica, algumas dessas linhas de experimentação e descoberta saltam e interessam aos objetivos da presente pesquisa, na investigação dos elementos que compõem a subjetividade feminina em psicanálise. Assim, não seria de se estranhar voltar-se para a materialidade do corpo feminino, para pôr em questão o fato da sintomatologia histérica aparecer de forma tão intensa nesse corpo, ou, ser retratada e escutada com especial atenção a partir desse corpo.

Nesse sentido, Demes, Chatelard e Celes (2011) nos levam a pensar as condições socioculturais que perpassam o contexto de fabricação e enunciação do discurso freudiano sobre a histeria, não estando descolado das formulações sobre o feminino e dos seus desdobramentos. Os autores pontuam que diante das repressões psíquicas e sociais impelidas à mulher, na consequente falta de ocupação dessa figura do campo social, a sintomatologia histérica foi um modo de falar, de expressão da mulher em busca de escuta. Assim também se deu no aparecimento da lógica do silenciado, do que não possuía a palavra, em que se desvelavam outros domínios, a existência de singularidades fugidias do código científico, moral e racional da época.

Por outro lado, o mesmo movimento libertário que reivindica saídas e denuncia a fragilidade da ciência racional e do seu modelo de pensamento, como alertam Inocêncio, Carvalho e Pereira (2016), é utilizado para a intensificação do discurso científico na apropriação do fenômeno histérico, num processo de histericização do corpo feminino. Ao transformar tal corpo e sua sexualidade em objeto de análise, quantificação e desqualificação em prol de práticas médicas reguladoras da ordem social e familiar – tendo em vista que a histeria era especialmente notada em mulheres que não produziam no trabalho, ou que não reproduziam seu papel familiar – a prática médica sobre a histeria revelava sua finalidade normalizadora.

É sob essa égide histórica, filosófica e cultural que Freud desenvolve interpretações e matizes fundamentais de seu pensamento sobre o feminino, principalmente com as velhas imagens como a do enigmático, obscuro e inconstante, presentes no discurso predominante sobre as mulheres. Com a marca de algumas dessas concepções de herança patriarcal, a psicanálise segue adiante, relacionando-as ao ser da mulher e ao sexo feminino, mas ao mesmo tempo, a própria psicanálise está a se construir e, junto a ela, emergem dispositivos teóricos e

práticos capazes de enunciar outros olhares e lugares para o feminino (DEMES; CHATELARD; CELES, 2011).

O enredo proposto até aqui sugere uma relação entre histeria – enquanto aparição, não como estrutura – e feminino e a mulher, como forma de entender as semelhanças que a sintomatologia histérica descortina no corpo feminino, a exemplo da imagem da conversão, soberana em sua falta de palavra, paralela à falta de participação da mulher na estrutura sociossimbólica. Assim, nos deparamos com uma experiência corporal; nos estudos preliminares sobre a histeria, principalmente, se constata uma experiência afetiva, que logo mais será retomada. Demes, Chatelard e Celes (2011), apresentam uma distinção fundamental dessa concepção de feminino que se está abordando. Nesse primeiro momento, o feminino entra na cena social e no discurso psicanalítico por meio do que qualifica a mulher e a caracteriza em termos de sexo biológico, como aquela que possui ovário. Associada a essa materialidade, o componente social se une para naturalizar o que é relativo à mulher.

A tensionalidade no discurso psicanalítico acerca do feminino advém justamente da sua concepção de sexualidade sob a influência do paradigma da diferença sexual moderno, que ao sair do modelo de sexo único, começa a enunciar a existência de dois sexos distintos e bem diferenciados, ao que conhecemos hoje numa diferença entre homem e mulher ontológicos. Desta forma, constitui-se o ser da mulher e do homem como essencialmente irreduzíveis, a partir de suas diferenças biológicas, repercutindo nas relações entre os sexos e na inscrição do espaço social (BIRMAN, 2016). No entanto, essa concepção de sexualidade universalizadora dos sexos não apresenta completa predominância quando nos reportamos ao desenvolvimento do discurso psicanalítico sobre a sexualidade.

Como atenta Arán (2009), nos primórdios da psicanálise, a concepção preponderante de sexualidade estava atrelada à teoria do trauma e da sedução, que se refere às elaborações teóricas pautadas nas experimentações clínicas com as histéricas, ao entender o papel da fantasia na determinação dos traumas de cunho sexual e infantil. Ainda segundo Arán (2009), a sexualidade que vem a rebote do Freud de 1905 é uma caracterização perversa polimorfa, que se pauta na multiplicidade do corpo e do prazer humano. Estes são posteriormente marcados pela lei social, circunscrevendo, então, uma outra organização para o corpo e conseqüentemente, com o prazer obtido com o mesmo. No entanto, quando se discutem os destinos dessa formulação, ou seja, quando se inclui o Complexo de Édipo/Castração com seu papel regulador e central da sexualidade, algumas discordâncias no campo analítico

começam a aparecer. Surgem diferenças essenciais a serem pautadas, pois o papel regulador do Complexo de Édipo/castração ao se estabelecer, muda os rumos pensados até então para a sexualidade feminina. Dessa forma, vamos pensar num mapa que possa reconstituir os ditos primórdios sobre o feminino, até chegar às mudanças operadas pelo Édipo.

Por isso, a clínica da histeria tanto nos interessa, bem como suas idas e vindas, e seus esboços – Vamos às descobertas. Quando se inicia a investigação da etiologia das neuroses históricas, se chega à máxima “os histéricos sofrem principalmente de reminiscências”. (FREUD; BREUER, 1893/1988, p. 45). Fala-se, aqui, de uma clínica que busca as causas de sofrimento através de uma memória afetiva/individual, na remontagem de afetos aflitivos e reprimidos que foram suprimidos de ação ou de linguagem. Freud (1910/1970), traduz os sintomas como símbolos mnêmicos do que fora vivido. O mnêmico freudiano vem de *mnême*, palavra originada do mito de Mnemosyne, recurso mítico que se faz presente na psicanálise para nos ajudar a pensar a clínica que têm, na lembrança, sua potência. Antes do Édipo, vem Mnemosyne da Mitologia Grega, a personificação da memória, tendo sua ação associada à palavra e à linguagem em revolta constante contra a morte e contra o esquecimento (MANTOVANI, 2018).

Segundo Mantovani (2018), o mito conta que a deusa Mnemosyne é nada mais, nada menos do que irmã de Cronos, o deus do tempo, aquele que, impiedosamente, devorava seus filhos, e mãe das Musas, a personagem que representa as artes, ciência e a palavra poética. Na *Teogonia*, onde Mnemosyne exerce sua onisciência de deusa, que sabe de tudo que se foi e o que o ainda será, o poeta Hesíodo evoca o poder das musas, filhas de Mnemosyne, para a escrita de palavras remetidas ao conhecimento e as origens. A deusa que tudo sabe, exerce sua soberania pelas filhas e pela palavra – o poder vem da palavra. Ainda na paisagem mítica, o rio Lethes representa o esquecimento, a fronteira entre os mortos e os vivos. O ato de morrer é passar por tal rio, quando se perde as reminiscências do vivido. O que confere à vida seu estatuto são as memórias, enquanto o esquecimento se mostra o próprio limite da vida.

Continua Mantovani (2018) que a guerra empreendida por Mnemosyne é junto às Musas, e a força advém da indissociabilidade de memória e palavra. Assim, no mito, o esquecimento e a morte são combatidos desse lado do rio, onde memória e palavra imperam. Análogos são os instrumentos da clínica freudiana em seu início com a teoria do trauma e da sedução, que veremos à frente. A busca dessa clínica se dava no recordar de uma experiência originária, que não fora suficientemente devorada ou escoada pelo tempo. Na experiência

mítica, assim como nessa clínica, a rememoração se dá pela narrativa, e o discurso é fundamental para a manutenção da memória, na perpetuação do evento que se sucedeu e que se fez marcante.

A cartografia que se segue é no enalço do modelo de clínica da reminiscência. O que se vê é a aposta no possível de ser recordado, de ser retomado, como uma promessa futurista amparada num passado a ser resgatado, engendrada pelos dispositivos clínicos do ainda não dado – diferentemente de uma apriorística do discurso científico que antecipava os significados da sintomatologia histórica. O artigo *Sobre os mecanismos psíquicos dos fenômenos históricos: comunicação preliminar* publicado em 1893, produzido na parceria com Joseph Breuer, mostra esse campo onde os fenômenos em descoberta parecem estar mais na ordem do afeto, do que ainda não fora representado, como observa Freud e Breuer (1893/1988, p. 43) nesses escritos:

Observações como essas nos parecem estabelecer uma analogia entre a patogênese da histeria comum e a das neuroses traumáticas e justificar uma extensão do conceito de histeria traumática. Nas neuroses traumáticas, a causa atuante da doença não é o dano físico insignificante, mas o afeto do susto - o trauma psíquico. De maneira análoga, nossas pesquisas revelam para muitos, se não para a maioria dos sintomas históricos, causas desencadeadoras que só podem ser descritas como traumas psíquicos. Qualquer experiência que possa evocar afetos aflitivos - tais como os de susto, angústia, vergonha ou dor física.

A dimensão afetiva do trauma histórico é destacada como determinante e desencadeadora, sendo explicitamente diferenciada de um dano físico. O imaterial do psiquismo ganha um protagonismo interessante de ser observado, embora o corpo não seja deixado de lado, pelo contrário, o psiquismo mostra sua atuação contundente sobre o corpo que não é passivo. Os efeitos corporais somáticos na imagem de paralisias, convulsões e contraturas, mostram o corpo como parte da trama na qual o sujeito está envolvido. Na perspectiva desse tratamento, o corpo não é visto como passível apenas de sintomas físicos, mas se leva em consideração um corpo que adoece pela atuação de uma memória, ativado por um sofrimento virtual.

Outro dado a ser mapeado sobre essa concepção de sexualidade amparada no corpo feminino como matéria de investigação, é a natureza econômica do trauma. Como demonstra Freud (1893/1988), a histeria seria manifestada por um efeito de adição de traumas parciais, que comumente formariam um grupo de causas desencadeadoras, componentes de constituição da história de sofrimento do sujeito. O processo afetivo/traumático continua a ser descrito como imprescindível ao tratamento, quando é relatado que o sintoma histórico individual, ao ser

tratado junto à sua lembrança afetiva, desapareceria ao ser associado com sua causa durante a sua expressão verbal, a mais próxima possível da cena traumática (FREUD, 1893/1988).

Assim, segundo Jorge e Ferreira (2004), testemunhamos o mecanismo do trauma psíquico de não liberação de afeto, a ausência do que se denominou de ab-reação. Em casos de estados patológicos, como o da histeria, a lembrança do trauma permanece investida de afeto, em busca de ser descarregada de modo satisfatório, por meio da ação ou pela linguagem. Na experiência clínica em questão, percebemos a linguagem especialmente destacada como dispositivo clínico. Quando ainda se falava de método catártico e uso da hipnose, o recurso já era a linguagem, como apresenta Freud (1893/1988) no tratamento que traduziria afeto em palavra, ou substituiria a ação da descarga afetiva pela linguagem como equivalente.

Nessa exposição do que constituiria a teoria do trauma, pudemos rapidamente mapear elementos importantes de caracterização do corpo histórico, como sua experiência majoritariamente afetiva, corpórea e excessiva. Áran (2000) vê na leitura dos trabalhos de Monique Schneider, que busca uma leitura alternativa do feminino no que chama de subtexto freudiano, a experiência da histeria com uma concepção que apontaria para uma sexualidade feminina justamente constituída por tais elementos, estando para além do código da falta e da castração, ao qualificar a experiência histórica como excesso, expressada na sua dimensão afetiva e corporal.

O aspecto econômico dos processos psíquicos evidenciados na histeria sublinhariam a dimensão corporal no transbordamento do conflito psíquico para o corpo, no aparecimento da impossibilidade de manter o conflito no nível da razão ou do entendimento (BIRMAN, 2016). O gozo feminino mostra a face disjuntiva do inconsciente, em que afeto e linguagem ora se cruzam, outra se desvencilham. Onde o corpo é erógeno e fragmentado, não sendo reduzido às representações sociais de corpo e de psiquismo.

É importante destacar que o método catártico contava com o uso da hipnose para o desenvolvimento desses procedimentos de rememoração, experimentações essas que levaram Freud (1910/1970) a alguns dados clínicos, mesmo após o abandono da hipnose. Os fenômenos hipnóticos, o levaram a refletir sobre os agrupamentos psíquicos que se mostravam independentes uns dos outros, pois ao evocar essas lembranças em pacientes hipnotizados, os mesmos, em estado de consciência, mostravam “não saber” sobre o que haviam relatado. Apontando para o que denominava na época de *double conscience*, uma espécie de cisão da personalidade, uma divisão, onde a consciência se manteria ligada a um dos estados, enquanto

o não ligado, separado, seria inconsciente. Nessa passagem, vemos um Freud esboçando e produzindo o conceito de inconsciente, no entanto, ainda o colocando como adjetivo, diferente da sua descoberta posterior do inconsciente como substantivo.

Essas linhas que gestam certos conceitos ainda não teorizados, mas postos em prática, em construção, fazem notar linhas de germinação do conceito de inconsciente. Ao percebermos que a memória postulada por Freud em seus estudos preliminares não se tratava de uma memória meramente cognitiva, tem-se que havia um reconhecimento de um fora da consciência, mesmo que através de estados hipnóides. A memória a ser teorizada se tratava de um montante de forças conflitivas e os mecanismos de esquecimento operavam através delas. A técnica consistia na retomada dessas energias pela palavra, para o seu escoamento. Essa energia não representada, nem elaborada, presente no corpo, advinda de uma narrativa a ser recontada, num processo de esquecimento gerando sofrimento, não seria o inconsciente com seus mecanismos de defesa nos dando notícias? E por que, no seguimento dessas linhas, o inconsciente tanto nos interessa?

Se no trajeto até aqui se ligou a memória à palavra e ao corpo, não foi por acaso. Se estamos a falar que a memória cartografada até aqui se faz presente na materialidade do corpo feminino, com o dado de predominância de mulheres na clínica da histeria. A memória que atravessa esse corpo data de uma história ainda mais antiga e coletiva, referente às mulheres. Ao colocar o conceito de inconsciente em cena, temos condições de pensar em uma memória inconsciente do corpo feminino. Segundo Jorge (2005), o inconsciente como tratado por Lacan, estruturado como uma linguagem, já estava em Freud e este o retoma para desenvolvê-lo. Em Freud, o inconsciente se manifesta pela linguagem e em suas formações inconscientes. A palavra que falta à histérica é tomada por Freud como um dado clínico individual. Na presente leitura se reconhece suas repercussões afetivas, corporais e excessivas na história do sujeito; no entanto, neste ponto, ampliamos a discussão para pensar nos processos de subjetivação propiciadores de tais dados clínicos.

Aliamo-nos a Lacan que ao retomar as suspeitas freudianas, toma subsídios através do estruturalismo para compreender o inconsciente como uma estrutura simbólica, referente à cultura, anterior ao sujeito. Este inconsciente seria marcado pelo partilhamento da linguagem em sua função primordial de organização da estrutura simbólica, composto pela construção das relações, identidades e diferenças, fornecendo condições para possibilitar a inscrição das experiências sociais (SAFATLE, 2007).

Seguindo as trilhas da potencialidade de organização de identidades pelo simbólico postulado por Lacan, articulando inconsciente à cultura, pretende-se entender como essa concepção de simbólico representa o feminino e os efeitos suscitados por essa ligação. Butler (2003) remonta o discurso estruturalista da Lei no qual Lévi Strauss descreve-a como uma estrutura universal, intimamente ligada e regulada pelos sistemas de parentesco. Estes sistemas teriam, na figura da mulher, um objeto de troca entre clãs patrilineares, que se diferenciam pela inserção de uma mulher no clã vizinho, através do casamento, do seu valor ditado pelo dote. Enquanto esta troca estabelece relações de comércio, simbólicas e ritualísticas, esse processo demarca o fortalecimento dos laços sociais entre os homens, e a produção de diferença entre os clãs.

Butler (2003) continua mapeando essas significações, identificando o lugar que essas noivas na figura da mulher têm de descaracterização ao não possuírem identidades ou troca entre elas, na possibilidade de uma produção própria, estando, antes, a serviço de um processo de identificação masculina, sendo reflexo dele. Como descrito, o lugar simbólico produzido para a mulher nessa lógica de uma identidade pelo casamento, a coloca num lugar subalterno, por lhe negar uma identidade perante outras relações, e ao afirmá-la perante esse sistema de trocas como essencialmente em negação ou como faltosa.

Dada uma certa cartografia de como a mulher se inscreve na estrutura simbólica, no exemplo de um discurso que circula e é representado pelo estruturalismo, num movimento de naturalização do lugar subalterno da mulher, podemos entender como o feminino vem sendo representado pela cultura, e atuado inconscientemente por tais corpos. Dessa forma, não se trata de uma naturalização do corpo feminino em relação a algumas dessas significações, mas, trata-se de entender que esses significados são produções históricas e culturais incessantemente colados a esses corpos. Sendo muitos os mecanismos dessa engrenagem, retomamos o lugar inicial da presente análise para demarcar a clínica da histeria como ilustrativa nesse sentido. Foucault (2006), por exemplo, fala de processos de histericização do corpo feminino, como uma produção social ligada a dispositivos disciplinares como os da psiquiatria.

Inocêncio, Carvalho e Pereira (2016), citando Foucault, ressaltam como a histeria foi produzida no interior de hospitais psiquiátricos, sustentada e incitada por todo um discurso acerca da sexualidade, levando homens, mulheres e crianças a incorporarem certas condutas e falas, engendradas por um processo onde os corpos eram envolvidos sobre tal verdade sobre o sexo. Segundo Foucault (2006), a psiquiatria detinha o seu poder pelo estabelecimento de um

saber sobre os sujeitos. Sob o jugo da verdade psiquiátrica, esses corpos, na imagem da histeria, no seu fenômeno de simulação, perfomam uma espécie de antipoder. A simulação histérica, então, colocaria sob questionamento o conjunto de verdades e práticas psiquiátricas. O corpo sendo uma das realidades do discurso médico e científico, veria no corpo feminino, histórico e simulador, um indicativo para um corpo produtor de realidades outras, não necessariamente atreladas aos significados de procriação e de família, especialmente vinculados à mulher.

Nesse prisma, Foucault (2006) analisa como a histeria leva a psiquiatria a se haver com o problema da verdade, vendo na simulação, uma espécie de resistência política. Esta simulação se daria no sentido de falsear o esperado, em que através da cilada dos movimentos estranhos, num jogo de verdade e de mentiras, força o saber instituído para um outro tipo de inclinação, de ausculta, desvelando os limites e fracassos da prática psiquiátrica do século XIX, no contexto asilar onde explode o fenômeno da histeria (o de Salpêtrière, asilo feminino).

Nessa disputa sobre verdade e práticas, aparece a psicanálise no esboço da saída desses impasses, colocando o sintoma em outro lugar, como assegura Foucault (2006, p. 70):

Podemos dizer que a psicanálise pode ser interpretada como o grande primeiro recuo da psiquiatria, o momento em que a questão da verdade do que se dizia nos sintomas, ou em todo caso, o jogo da verdade e da mentira no sintoma foi imposto à força ao poder psiquiátrico; o problema era saber se, nessa primeira derrota, a psicanálise não respondeu estabelecendo uma primeira linha de defesa. Em todo caso, não é tanto a Freud que se deve creditar a primeira despsiquiatrização, o primeiro momento que fez titubear o poder psiquiátrico acerca da questão da verdade, é a esse grupo de simuladores e simuladoras que o devemos.

Diante de mais uma ambiguidade envolvendo a psicanálise, optamos por ressaltar o encontro entre Freud e os fenômenos histéricos, deixando de lado uma lógica hierárquica. Se pensarmos em termos de um desejo maquínico, que máquina, que cria conexões como enunciam Deleuze e Guattari (2010), a máquina analítica com suas engrenagens na associação livre e atenção flutuante é a expressão de um desejo que teceu conexões, criando condições para poder se enredar pela tessitura da linguagem. A máquina analítica produziu o analista Freud com seu desejo de escuta, conectado ao desejo das histéricas que clamavam por serem ouvidas.

Em suma, percorreu-se saberes e práticas que se propuseram, em algum nível, a enunciar uma certa verdade sobre a mulher, trazendo-se como a prática clínica inicial da psicanálise foi esse lugar de aparecimento dessas tramas complexas que envolvem o sujeito mulher, e apontando-se para o emaranhado que é o encontro do desejo com as inscrições da cultura. Buscou-se, portanto, situar o contexto de enunciação dos sofrimentos de tal clínica, através do mapeamento das significações predominantes sobre o corpo adoecido. Mostrou-se a

processualidade e parcialidade de tais verdades, tendo a clínica como instrumento de memória pela palavra, que foi negada por muito tempo. Esta memória que aqui só começou a ser contada, embora dolorida e de subalternidade, viu na potencialidade de rememorar, de retomar a narrativa da própria história, a busca das causas inconscientes de sofrimento, e a possibilidade de combate das mesmas.

3 ÉDIPO: UMA FANTASIA SOBRE O SEXO OU A FANTASIA DO SEXO?

Sai Mnemosyne, entra Édipo. No segundo ato, como no teatro, a cena trágica será composta por outros personagens, a cena analítica vai tomar o destino de Édipo para elaborar suas descobertas, à luz da tragédia grega e da inevitabilidade do parricídio e do incesto, Freud vê um fenômeno universal, como na sua memória infantil, em que rivaliza com seu pai, na disputa pelo amor de sua mãe. Somada às suas experiências clínicas, se dá uma virada. Se a clínica da histeria se assentara na literalidade do trauma, marcado sobretudo, pela experiência corporal. A literalidade também se fazia presente na interpretação da cena de sedução, segundo Jorge e Ferreira (2004), vista na factualidade de um abuso sexual praticado por pais, professores e governantas. Sofrido na infância, daria origem ao trauma, favorecendo o desenvolvimento da neurose histérica. Contudo, interessa-nos quando Freud abandona essa hipótese, quando levanta dúvida sobre a veracidade dos relatos e, por conseguinte, coloca em questão o andamento dos tratamentos.

Nesse cenário de dúvidas, confessa a Fliess por volta de 1897 que descobriu um fenômeno de enamoramento dos filhos pelas mães, no mesmo golpe em que surge a rivalidade para com o pai (JORGE; FERREIRA, 2004). É assim que o mito de Édipo vai formulando um campo para a fantasia, na saída da factualidade do trauma. Ao que tudo aponta a tragédia grega é encenada por todos nós: se o oráculo de Delfos predestina Édipo, avisando a Laio sobre os riscos que o filho representa, Freud, na sua condição de clínico, de descobridor de futuros, atualiza a profecia no campo familiar.

O mito edípico nessa investigação, apresenta especial importância pelas suas determinações. Freud (1924/2018) sinaliza sua centralidade na organização da sexualidade infantil da primeira infância. Jorge e Ferreira (2004), mapeiam a sistematização que vai sendo feita de Édipo, do que este organiza. Ao que Freud divide em uma fase pré-edípica, fálica e edípica, propriamente dita. Fases da sexualidade infantil, que entre suas passagens, no tocante da passagem pré-edípica para a fálica, ocorrem dois acontecimentos que serão pontos de partida para a presente investigação: a ruptura da relação dual entre mãe e filho e a descoberta

da diferença sexual. É pela diferença sexual na teoria freudiana, operada pelo Édipo como um lugar de subjetivação, de diferenciação e inscrição no mundo pelo seio familiar, é que se vai empreender a investigação das coordenadas de como o feminino se inscreve e, como se constitui na narrativa edípica – que, como pudemos perceber pela biografia de Freud e sua auto-análise com Fliees, bem como sua genealogia na tragédia grega de Sófocles, tem coordenadas tipicamente masculinas.

Para isso, partiremos do texto *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos de 1925*. Texto no qual Freud sinaliza claramente as consequências de Édipo no destino da pequena menina, futura mulher. Texto esse onde Freud (1925/2018), discorre sobre os efeitos da diferença anatômica entre os sexos, enfatizando o caráter psíquico dessa diferenciação, ou seja, o somático e o psíquico com importância equivalente, se integrando na experiência psíquica de constatação material, de ter um órgão feminino ou masculino.

Quando nos debruçamos sobre o texto freudiano em busca das primeiras formações psíquicas da criança, nos deparamos com o menino. O autor é claro ao colocar a criança de sexo masculino como objeto primordial das investigações, de forma secundária espera-se que a menina siga os passos do menino investigado, não escondendo que no processo de desenvolvimento seria difícil distinguir em que momento ocorre a distinção entre os processos do menino como modelo aos da menina (FREUD, 1925/2018). Em outras palavras, ao problematizar a subjetivação masculina como modelo, se está a perguntar, em última instância, se em termos teóricos essa distinção ocorre efetivamente. Se a menina ganha sua autonomia e de fato se diferencia, ou se ela continua a ser descrita através de processos masculinos, sendo masculinizada e, portanto, inviabilizada de ser conhecida e reconhecida em seus próprios processos.

Diante dessa imprecisão confessa sobre o complexo edípico na menina, Freud (1925/2018), admite, nesse caso, o complexo de Édipo como secundário, entrando em jogo o complexo de castração precedente e preparatório. Desse modo, enquanto no menino o complexo edípico é dissolvido pelo complexo de castração, na menina, ao contrário, há uma diferença fundamental é pelo complexo de castração que o Édipo lhe é introduzido. Dessa formulação advém o entendimento do complexo de castração como esse que opera sobre determinados conteúdos conflitantes, fazendo recuar a masculinidade, em contrapartida sinônimo de advento da feminilidade, na dinâmica entre castração consumada no caso da menina e ameaça de

castração no menino (FREUD, 1925/2018). Mais uma vez percebemos o advento do feminino como sinônimo de um limite imposto à masculinidade: apenas a partir do castrado, do encolhimento da suposta apriorística forma homem, que seria possível pensar a mulher.

Para precisar os processos envolvendo o complexo de castração, recorremos a Roudinesco (1998) que começa por caracteriza-lo pelo sentimento inconsciente de ameaça vivido pela criança, ao constatar as premissas da diferença anatômica. Baseado nos estudos freudianos sobre as primeiras teorias sexuais infantis, estes sinalizam a crença universal das crianças de todos possuírem um pênis, incluindo os corpos femininos. Portanto, a diferença sexual é organizada a partir do possuir o órgão genital masculino ou ser castrado, o sexo feminino, por sua vez, não teria representação no psiquismo humano, pensado como ausência.

Seguindo pelos processos que partem no complexo de castração da menina, Freud (1925/2018), salienta algumas problemáticas no complexo de Édipo dela. Tanto a menina quanto o menino têm na mãe seu primeiro objeto de amor. E, enquanto o menino a mantém, a menina, diferentemente, a abandona em busca do pai. A questão emblemática aqui, é como ocorre esse abandono. O autor coloca que as motivações dele seriam elucidativas da história pré-edípica na menina, justificando em mulheres adultas uma especial identificação com o pai. Algumas pistas vão dando indicativos, quando emerge, por exemplo, a questão da descoberta da zona genital. Freud (1925/2018), sinaliza que quando a menina constata a existência do pênis, por ver o de um coleguinha ou irmão, de pronto associa de forma correspondente ao seu órgão, com a diferença essencial que pela visibilidade e proeminência do órgão de outrem, compara ao seu órgão visto com menos valor por ser pequeno e escondido. Dessa percepção imaginária seria advinda e se instalaria a inveja do pênis.

Avançando com essas fantasias, o menino é situado nesse jogo de visível e invisível, num primeiro momento indiferente à zona genital da menina. Ao não ver nada, o menino ficaria no campo de uma recusa dessa percepção, ou ameniza a diferença ao tentar adequá-la às suas expectativas. Nos é interessante essa observação, pois quando a ameaça da castração surge, com ela acompanha a imagem perturbadora da menina, vista como mutilada. Das consequências dessa ameaça de castração no menino, em relação à mulher no futuro, são de um verdadeiro horror à criatura mutilada, ou como o autor coloca, num desprezo triunfal (FREUD, 1925/2018).

Na menina não ter o órgão privilegiado é posto e entendido como desvantagem, resultando na já anunciada inveja do pênis. No mapeamento dos elementos que compõem os

processos do tornar-se mulher, pela imagem da menininha mutilada e invejosa, e na elaboração desse aparente trauma imaginário, vemos as consequências psíquicas ou uma elaboração simbólica (e cultural) da inveja do pênis. Freud (1925/2018), assegura que essas consequências são amplas, sendo iniciadas pela ferida narcísica, que consistiria na falta do pênis, e, a partir disso, o sentimento de inferioridade seria inerente à condição feminina, por onde operaria o complexo de castração, preparatório para o Édipo. Nesse movimento, quando entende que não se trata de uma marca pessoal, mas sim presente em todas as mulheres, começa a partilhar o sentimento do homem de menosprezo pelo seu sexo, visto como menor, sendo uma fantasia ambivalente ao que concorreria pela condição privilegiada do homem, o que segundo Freud (1925/2018), seria uma busca por igualdade. Outra consequência, que traz o autor, seria o ciúme colocado como característico da mulher, embora de não exclusividade sua. Na mulher apareceria com mais força, pela sua origem na inveja do pênis, havendo um deslocamento do sentimento para a vida em geral da mulher.

Um outro efeito do complexo de castração-Édipo na menina, é um dado que reverbera na relação mãe-filha. Anteriormente, foi citado o abandono da mãe como objeto de amor da filha. Esse abandono estaria relacionado com a crença inconsciente da menina de que sua mãe é a responsável pela sua condição de castrada, por tê-la gerado sem o precioso pênis, e, por isso, seria estaria na mãe uma das origens de seu infortúnio e, por conseguinte, se justificaria o seu ódio contumaz a essa (FREUD, 1925/2018).

Por fim, a consequência que segundo Freud (1925/2018), seria a mais importante nesse enredo, a descoberta da inferioridade do clitóris e o conseqüente abandono de seu manuseio. A masturbação nesse sentido, se apresentaria supostamente como uma tarefa dificultosa à mulher, por esta ter sua natureza mais afastada da masturbação do que o homem. De certo, seria inevitável o abandono da masturbação clitoriana, vista como parte do campo masculino, pelo seu caráter ativo, e pelo clitóris ser análogo ao pênis, o último dito como originário. Assim, uma das condições de aparecimento da feminilidade seria a eliminação dessa atividade como parte da sexualidade feminina.

Ao longo da exposição das consequências psíquicas da diferença sexual da menina, vemos se estabelecendo uma certa identidade feminina, a partir do órgão como correspondente, na colagem com algumas características, como nesse exemplo da masturbação que competiria, sobretudo a um dos sexos. Por isso, é surpreendente constatar a seguinte passagem: “As reações dos indivíduos humanos de ambos os sexos estão, de fato, mescladas de traços masculinos e

femininos” (FREUD, 1925/2018, p.267). Passagem que o autor usa como ressalva, de que embora esteja afirmando que há uma certa natureza na mulher, decorrendo em mais dificuldades e resistência quanto à masturbação, no entanto, para além disso, existiriam exceções quando se vai para o campo da experiência, mulheres para as quais essa espécie de regra não seria aplicável, por transitarem de alguma forma entre o polo feminino e o masculino, se utilizando, nesse caso, dos traços do último.

Com essa passagem, vemos se desenrolar uma posição de trânsito entre os polos feminino e masculino, até então pouco percebida, já que a tarefa do autor estava mais voltada para a inscrição psíquica a partir do estabelecimento de uma identidade pela relação com o corpo. Outra passagem marcada por essa ambiguidade, é quando se pensa os ditames edípicos na formação da mulher, ao colocar o supereu como um de seus principais herdeiros, onde Freud (1925/2018) põe em questão o quanto a mulher é falível em relação a essa instância psíquica que representa a interiorização das leis sociais.

O autor cita o caráter duvidoso da mulher comparada ao do homem, tendo menos senso de justiça, sendo mais suscetível a ser guiada por sentimentos de ternos a hostis, com menos inclinação à submissão do que chama de grandes necessidades da vida, relativas à ciência e à razão, que embute a afirmativa de menor capacidade de sublimação pela mulher. Em seguida, põe em pauta que pela constituição bissexual infantil essas características seriam cruzadas, de modo que, dificilmente existiriam características masculinas e femininas puras, em outras palavras, essas identidades não seriam possíveis de serem desempenhadas puramente por um dos sexos.

Nesta leitura são cartografadas, portanto, duas posições teóricas que parecem hora se afastar, hora se cruzar. Dessa forma, a primeira será trabalhada como um problema de identidade ligado ao corpo, e a segunda relativa a posição subjetiva, ao entender o que esses traços fazem transitar, sendo uma questão de prática. De modo que irão nos ajudar a entender as problemáticas que envolvem a identidade e posição femininas nos termos postos por Freud e mapeados até aqui.

Começemos pela identidade feminina, amparada no corpo da mulher, em seu genital como marcador ontológico. Situando então, Freud num campo epistemológico e histórico como herdeiro do paradigma da diferença sexual, modelo de sexualidade promovido pela modernidade no século XIX. Birman (2016) afirma que, nesse modelo de sexualidade, os sexos entrariam num jogo de identidade, onde cada um se constituiria por uma essência, advinda

de uma leitura naturalista, ou mais precisamente, anatômica e fisiológica do corpo, determinando o ser do homem e da mulher a partir das significações de seus corpos.

Birman (2016) enfatiza as mudanças produzidas por esse modelo de sexualidade, que superava o anterior, predominante na antiguidade, o modelo do sexo único, que consistia numa relação fortemente hierárquica entre homens e mulheres, pela crença de uma superioridade masculina, baseada numa formulação aristotélica de que homens por se ampararem numa dita causa formal, de uma ordem do pensamento. Enquanto as mulheres estariam ao lado da causa material, por conta da geração dos filhos, considerada uma causa inferior pelo pouco valor social. Com o paradigma da diferença sexual, ao lado de conquistas históricas como a revolução francesa, que buscava a igualdade de direitos no reconhecimento de todos como cidadãos, o modelo da antiguidade vai sendo questionado, e subverte-se essa concepção de algumas formas. No entanto, o que atesta Birman (2016) é que a hierarquização entre os sexos persiste, se sofisticando com o discurso científico da biologia, legitimando visões sociais discriminatórias sobre o sexo feminino. Quando se pontua as condições de construção do discurso psicanalítico, como enfatiza Lago (2012, p. 4),

[...] percebemos que a psicanálise não se construiu, no entanto, como uma reflexão crítica sobre a estrutura patriarcal da sociedade e da família. Suas perguntas eram outras e suas concepções se elaboraram dentro destas estruturas do pensamento ocidental patriarcal.

Justamente por se basear em perguntas outras, Freud não questiona a construção das categorias sexuais, feminina e masculina, tomando-as com seus significados instituídos e impregnados por esse modo hierarquizante de conceber o sexo.

Na constituição psíquica da menina, o que vemos, até certo ponto, é uma naturalização de tais categorias, tanto que Freud (1925/2018) situa a discussão sobre as manifestações da vida sexual infantil, como de uma ordem pulsional inata, ou seja, de uma perspectiva originária e imutável. A menina, figurando o feminino, vai sendo constituída na castração essencialmente pela marca da inveja do pênis, de sua mutilação e da suposição de um supereu frágil. O que vemos é a reprodução do enunciado social hierarquizante ao atribuir à diferença anatômica, não apenas um teor de alteridade, e, ou produção de diferença; o que se imprime ao sexo feminino é o sentimento de menos valia, de inferioridade frente à comparação com o sexo masculino.

Ainda sobre o fenômeno da castração, é importante enfatizar, que não se questiona sua importância enquanto operação de alteridade. Como conceitua Nasio (1997), enquanto

experiência psíquica que possibilita, pela primeira vez, a vivência da angústia, por atestar inconscientemente a diferença anatômica entre os sexos, que retiraria a criança de um lugar de onipotência, a castração se insere num mundo onde o corpo tem limites, e seus desejos em relação a sua mãe jamais poderiam ser satisfeitos. Por isso, o que se está a questionar são os fundamentos que introduzem a diferença ao universo da menina, onde diferença é sinônimo de inferioridade, enunciado carregado de valor.

Por esses e outros movimentos Neri (2018) questiona a raiz da produção de diferença em psicanálise, evidenciando que se o masculino se configura como um referencial irreduzível, haveria não uma teoria sobre a diferença, mas uma teoria masculina que discorre sobre a diferença, por ser composta de uma dialética de referencial único.

Dunker (2006), por sua vez, sinaliza as amplas repercussões clínicas, políticas e teóricas, dessa naturalização. O complexo de Édipo na leitura dos processos de subjetivação feminina, daria margem para a reafirmação de concepções da cultura discutíveis, como a naturalização da passividade da mulher, na suposição de um supereu frágil e organizado psiquicamente em torno da inveja do pênis. Traduzindo diferenças construídas socialmente, em termos de diferenças anatômicas naturalizadas e concepções sobre a subjetividade pouco problematizadas, como a concepção identitária de um feminino extremamente negativizado a exemplo da pela imagem do mutilado e desprezível.

A discussão dessa identidade feminina negativa podeacialmente ser relacionada com as reivindicações do movimento feminista, que em um determinado momento, começou a pautar o debate com o uso da categoria gênero, construto teórico-prático, que segundo Scott (1989), indicaria a relação entre os sexos, produzida, essencialmente pela organização social, se distanciando de determinismos biológicos e de modelos hegemônicos de feminilidade. Modelos que em geral atribuem características de fixidez ao feminino, ao passo que essas significações servem de impossibilidade de acesso ao campo social, a exemplo da suposição de um supereu frágil na menina, denotando uma dificuldade de funcionamento na ordem social estabelecida. Por outro lado, Freud (1925/2018) atesta que o homem também estaria bem aquém dos ideais civilizatórios; no entanto, ele ainda poderia alcançá-los, ao contrário da mulher.

Outro elemento do discurso freudiano que nos chama a atenção na construção da identidade feminina, é o corpo num jogo de visibilidade e invisibilidade, como um dos primeiros marcadores de diferença. No momento em que a menina descobre a zona genital do outro, a comparação e a inveja do pênis advém de sua visibilidade, do seu tamanho, e o menino

teme pela invisibilidade tida como ameaçadora. Ayouch (2014) discorre sobre as nuances dessa invisibilidade da sexualidade feminina, pensando nas regiões do clitóris e da vagina, que concentram o signo da ausência externa de visibilidade. Citando Schneider em seus estudos sobre a feminilidade no que chama de um subtexto freudiano, Ayouch (2014), traz a atenção da autora para o que chama de uma certa ojeriza do feminino, estabelecida por Freud, levando-o a recalcar e dessimbolar o feminino, mantendo-o no lugar daquele que não pode ser visto.

Continua Ayouch (2014) demonstrando que a binaridade dessa sexualidade se daria justamente pela diferença do que pode ou não ser visto, na já conhecida equação ter ou não o pênis, onde nos deparamos com uma captação imaginária desse visível. Para retomar o fundamental em Édipo, exposto ao longo dessa explanação, sua formação fantasística, na qual a dimensão perceptiva estaria assentada. Durante a descoberta da zona genial longe de se perceber um amontoado de carne e nervos, o que a criança vê de seu corpo e do outro é pela estruturação e codificação da fantasia, envolta de toda uma rede discursiva anterior. No entanto, percebe-se nesse entremeio, uma produção discursiva também da biologia produtora de um sexo essencializado, que é captado imaginariamente pelo menino, pelo visível como suposição de um privilégio, normas de gênero vão sendo reproduzidas, as mesmas que criam um masculino e femininos metafísicos.

Scott (1989), em seu ensaio sobre a importância do gênero como categoria de análise histórica, reforça a força estratégica de tal categoria, para poder pensar as relações de poder, econômicas, políticas e sociais que mantêm esse sistema hierárquico e valorativo entre os sexos. De maneira fronteira, no campo social, uma das ênfases que a autora dá é para os sistemas de significados, como a sociedade se articula na representação do gênero, pensando em como as regras de relações sociais atribuem uma significação para a experiência, nessa cartografia sendo essencial para conceber a constituição psíquica da criança, submersa de processualidade.

É nesse ponto que autores do campo psicanalítico, como Neri (2018), questionam a universalidade da fantasia edípica que paira sobre nossas cabeças. Questionando se, antes de tudo não seria cabível entender a produção histórica e discursiva desse mito, o quanto ele representa as significações sobre o sexo de uma determinada época e território, como ele se engendra e se embrenha na cultura, antes de repetir seu corolário, e torná-lo um postulado universal, fundador de formas de subjetivação colocadas como originárias, e, portanto, imutáveis, como a condição de subalternidade que vem na esteira dessa produção de feminino.

Posto o problema da identidade feminina e dos seus universalismos embutidos, retomamos como as representações do feminino do discurso freudiano, pelo o que optou-se por chamar de representação relativa a posição, onde o polo masculino e feminino transitam, e o homem com os traços lidos como femininos é feminizado e a mulher com os traços masculinos vive a experiência de uma masculinização. Freud (1933/2018) afirma que essa transitoriedade entre feminilidade e masculinidade é justificada na premissa de uma constituição bissexual e de características que se cruzam no advento do sujeito. O que se visa ressaltar aqui é a fantasia como componente desse movimento, ficando mais evidente a mobilidade e ficção imaginárias que são dotados os universos do gênero.

Scott (1989) atenta que quando Lacan faz uma interpretação de Édipo lhe dando um estatuto metafórico, no qual Édipo é a metáfora da inserção cultural da criança num mundo de regras e de lei, postulando que a identificação imaginária com a masculinidade ou feminilidade vai depender da relação com a lei paterna, desvela o aspecto radicalmente imaginário da fantasia edípica. Dessa forma, Lacan dá ao corpo da biologia no qual Freud, por vezes se remete, seu aspecto imaginário, onde reconhece seu revestimento de significações, fazendo assim a questão do ser mulher ou homem não uma questão anatômica ou simplesmente imaginária, mas de linguagem ou sócio-simbólico, que Freud já esboçava com suas formulações acerca de uma inscrição psíquica, e do fato das posições serem transitórias. Voltando-se novamente a Freud, se homens e mulheres podem transitar por essas posições, a mulher podendo gozar e extrair prazer dos traços masculinos, assim como o homem dos femininos, poderia o corpo feminino ser explorado em suas singularidades? O clitóris, órgão de inervações múltiplas, poderia ter outras representações.

Com essas perguntas, se coloca como se dá essa dialética, como a diferença é articulada entre os sexos. Se o referencial em Freud é o pênis, e em Lacan o falo, apresentando desdobramentos bem distintos, vamos focar no que se vê de comum desse referencial. A fantasia fálico-edípica que produz os fantasmas sobre o corpo sexuado, é uma fantasia, sobretudo, sobre o desejo de todo o humano de desfrutar dos prazeres como desfruta o homem (FREUD, 1925/2018); de gozar como o homem, imagem e semelhança do perfeito, e do total. Édipo eróticos (e mortíferos) consumando seus desejos – ainda que com restrições e arrependimentos.

Como constatamos, o Édipo produz uma dialética de referencial único, embora Freud (1925/2018) evidencie os conflitos produtores de diferença entre masculino e feminino,

nesse jogo de posições. O que se visa pensar criticamente, é ao resultante dessas transições, que parecem se limitar à aparência de um feminino destinado a insatisfação pela comparação infinita ao masculino.

Desta maneira, para ir além dos impasses de um feminino colado ao signo da inferioridade, visamos pensar como coloca Nasio (1997) a diferença sexual, como produtora de diferença não valorativa, que não almeja um ideal, mas a administração das angústias do corpo e da sexualidade frente ao outro. Assim os conflitos entre feminino e masculinos são constituintes e produtores de alteridade, quando se propõe a dialetizar os dois componentes, feminino e masculino, reconhecendo ambos, em seus estatutos, lugares e cruzamentos. Sem a invisibilidade do feminino nessa equação, no campo de linguagem se disputam sentidos, como vamos pensar daqui em diante, a sexualidade como disputa e prática, amparada em todo um universo simbólico do gênero e de outras máquinas sociais, onde Édipo é uma fantasia sobre o sexo, não a fantasia do sexo.

4 SAEM OS MITOS, ENTRAM AS MÁQUINAS

Até aqui falamos de papai, mamãe, filhinho, família nuclear. Mulher como sinônimo de mãe, quem deseja maternar, que ama um homem, tratamos, enfim, do desejo heterossexual – ainda que em sua figura invertida, o homossexual, o que não altera fundamentalmente as regras do jogo do desejo familista. Encarnada numa figura com traços femininos, caracterizada por um corpo anatômico, vagina, clitóris e útero. Composta também de passividade, docilidade, sem jamais esquecer do lugar que lhe foi reservado, o de objeto de troca entre os homens, consolidando a aliança entre eles, os representantes da humanidade. Sujeitada a partir do casamento pelo marido, depois de ter sido posse de seu pai, corpo reprodutivo, privado, responsável pelo perpetuamento da civilização.

Se o mundo que conhecemos é sustentado por esses signos, traçado cruelmente pela cultura no corpo da mulher, e pelo discurso, que provém dessa sustentação: sinto lhes dizer, esse mundo está ruindo. Foi o que ouvi de uma mulher trans outro dia: “a minha existência por si só é uma afronta, parece uma afronta, e eu só quero viver”. Brisa o nome dela, magrinha, longilínea, cabelos esvoaçantes. Coincidência ou não, com esse nome e palavras, Brisa nos diz que existe, e sua existência é o prelúdio de mudanças, mesmo que alguns as temam.

O discurso não é mais o mesmo e por ele circulam, como brisa, outros modos de feminilidade, nada universais, outras formas de fazer aliança, de se filiar, onde emergem outras formas de amar. Arán (2009) mapeia alguns fenômenos sociais que reiteram esse senso de

mudança, como a inserção da mulher no mundo escolar, a entrada das mesmas no mercado de trabalho, assim como, a separação de sexualidade e reprodução, com o advento de tecnologias para isso, e outros fatores como a crise do modelo da família nuclear burguesa. A visibilidade da homossexualidade pelo Estado, e o ainda mais recente fenômeno de modificação corporal de pessoas transgêneros, transexuais e intersexuais. Deslocamentos que bagunçaram todo o modelo instituído de referências simbólicas organizadoras, a autora conclui que o território atual onde a dicotomia homem (público) e mulher (privado) vem sendo superada, é um território novo, onde os elementos citados precisam ser levados em conta para se pensar a diferença sexual.

Para entender como essas mudanças foram permeando a gramática social, buscamos pautar o seu caráter de disputa política e histórica, representada por lutas de movimentos sociais, como a do movimento feminista. Historiciza Lago (2012) que é no entre guerras, no contexto de Europa, na virada do século XIX e XX, que começam a brotar as primeiras reivindicações do movimento feminista por direito ao voto, trabalho, educação e cidadania, tida como a primeira onda do movimento, caracterizada pela busca de igualdade e conquista do espaço público pelas mulheres.

Martins (2015) identifica na figura de Simone de Beauvoir, com a publicação de *O segundo sexo*, representante do que surge desde então, a segunda onda do movimento feminista na metade do século XX, com suas pautas culturais e, portanto, questionadoras quanto aos papéis sociais e afetivos estabelecidos para mulheres e homens. A busca pela origem das desigualdades entre os sexos, se dá na investigação das relações sociais, compreendendo as relações familiares, de trabalho e do espaço político. O que era visto como pessoal, apenas do âmbito individual, começa a ser tratado como político. Vem a constatação de que as relações privadas estavam permeadas de categorias sociais de poder, a sexualidade feminina é concebida como parte de uma trama maior, constituída pelos efeitos da ordem patriarcal.

Percebe-se com esse início do empreendimento feminista, a luta para que a mulher tomasse a cena social, sua ida às ruas, os protestos por melhores condições de trabalho, o direito de ir e vir não restrito ao ambiente doméstico e familiar. Era o passeio pela cidade, o respiro como sujeito que possuía necessidades e precisava ser escutado. Estamos a falar, sobretudo, da mulher urbana, da operária da fábrica europeia, no singular. Martins (2015), retrata a chamada terceira onda do feminismo, por volta dos anos 90, num esforço de precisar a categoria mulher, ou melhor, ao problematizar seu universalismo, enxertar pluralidade na discussão,

reconhecendo a existência de uma gama de diversidade entre as mulheres, contextualizando os desejos femininos ligados a identidade de gênero, país, etnia, orientação sexual, classe social, entre outros.

É notório que a discussão vai sendo complexificada quando outras categorias são tomadas para pensar as relações entre os sexos. Lago (2012) conceitua esse novo momento, como o advento dos feminismos da diferença, que se dá exatamente com a afirmação das diferenças. Os debates nesse campo se dão a partir de escritos feministas em diálogo com campos epistêmicos estruturalistas, pós estruturalistas, e ainda mais recente, nas contribuições dos estudos *queer* para o campo da sexualidade.

Esses levantes reivindicatórios produziram reviravoltas e consequências incontestáveis na concepção de feminino, na representação do que é a mulher no imaginário social. No entanto, dado esse mapa, não se pretende estabelecer uma homogeneidade quanto aos efeitos dessas transformações, ou mesmo de sua construção. Pelo contrário, se entende que o movimento feminista foi composto por forças políticas e sociais diversas e os significados com os quais o movimento lutou para propagar, chegou com semelhante heterogeneidade nos espaços. A psicanálise, campo eleito da presente pesquisa, será palco da análise desse tipo de relação tangencial, onde teorias e práticas que versam sobre a sexualidade mantém, em meio a contradições, diversas ambiguidades, contribuições e avanços.

A psicanálise e os feminismos se cruzam em meio ao final do século XIX onde as produções de ambas estavam em plena ebulição. Tanto uma quanto o outro estavam a construir seus estatutos de movimentos e sistemas de pensamento. Marcados por uma relação cheia de tensionamentos quanto aos encontros das teorias e práticas, surgiam oposições e polêmicas (LAGO, 2012). Freud chegava a responder alguns questionamentos por meio da publicação de seus escritos, respondendo a críticas e se mostrando atento as discussões de seu tempo. E, entretanto, nem sempre aberto às reivindicações do movimento feminista.

Freud adentra ao campo da sexualidade quando inicia sua clínica descobrindo na sexualidade a chave do adoecimento nas histéricas, no descobrimento de traumas infantis e seus efeitos posteriores. Toma o corpo como sexuado e determinante na construção da identidade do sujeito. Fingermann (2008) assegura que na escuta das histéricas e no que havia de (mal)dito nas mulheres, Freud se depara com o inconclusivo, com o inexplicável, e não faz cerimônia ao admitir os entraves dessa investigação. Pelo contrário, reitera o feminino como o “continente negro” da psicanálise. O movimento feminista, por sua vez, o acusa de um falocentrismo

produtor desse apagamento do feminino, que deixa este à sombra do masculino, sendo de difícil distinção, e conseqüente compreensão.

Enquanto Freud buscava o entendimento da constituição das identidades, Birman (2018) acrescenta que o discurso feminista e outros discursos rompem com noções normativas e repensam de forma radical as categorias que envolvem a identidade sexual. As implicações de ser homem ou ser mulher são sacolejadas, no movimento de atribuir historicidade aos papéis sexuais e seu estabelecimento.

O falocentrismo pujante parece mais acentuado quando se postula a formulação da inveja do pênis na menininha, e suas voltas com o assombro da fantasia de inferioridade, frente ao menino (FREUD, 1925/2018). Contudo, a investigação da identidade sexual em Freud não é linear e apresenta muitas nuances, enquanto o Édipo se centra num jogo de imagens do privilégio de ter ou não o pênis, reforçado pelo imaginário social, e pela grande importância dada ao genital, do ponto de vista reprodutivo e social.

Em os três ensaios sobre a sexualidade de 1910 testemunhamos um ponto de partida que privilegia outros olhares. Para Arán (2009), a concepção de sexualidade formulada nesse ensaio se detém sobre a grande descoberta freudiana, o estatuto perverso-polimorfo do sexual, a descoberta da sexualidade infantil. O psicanalista discorre sobre uma sexualidade para além do genital e do reprodutivo, o sexual retratado perpassa todo o corpo em forma de erogenidade e reverbera nas produções do sujeito, o que vemos é a face pulsional e excessiva da sexualidade, que fora esboçada nos estudos sobre a histeria, sendo esquematizada.

Freud (1901/1905) tira a perversão do sentido comum de degeneração e patologia, colocando os desvios da pulsão, quanto a metas e objetos ditos anormais, por exemplo, como parte de uma vida sexual saudável. A prática sexual se institui pela perversão constante do convencional, conferida pela instabilidade dada à essas práticas, e a pulsão sexual sendo o que impele essa busca por satisfação, desnaturalizando a sexualidade por não ter um objeto fixo, buscado no exercício do próprio movimento desejante.

Em *A pulsão e seus destinos*, Freud (1915/2016) desdobra o conceito de pulsão em sua face intensiva. O conceito-limite entre o psíquico e o somático, funciona no tensionamento do corpo. “A pulsão, ao contrário, nunca age como uma forma momentânea de impacto, mas sempre como uma força constante” (FREUD, 2016, p.146). O autor coloca a pulsão como uma exigência de trabalho, de atividades complexas e de constantes rearranjos para a satisfação das fontes internas de estímulos. De tal maneira, o mundo externo é remexido, alterado. A

constância pulsional é afeto, energia diferenciada das representações; ligado à fonte corporal para funcionar, nesse sentido poderíamos ler um corpo feminino não recortado, como o corpo científico da reprodução o quer. Aqui pode-se pensar um corpo em busca de gozo e que se constitui na procura de metas e na invenção de objetos de prazer.

Dessa forma, apostamos na pulsão como dispositivo teórico de criação e conexão que pode levar a psicanálise a se afastar de representações naturalizadas da sexualidade, que a afastam da singularidade do sujeito, do desejo feminino tão pouco escutado. Para ir além do imperialismo do Édipo e do familismo naturalizado da sociedade em psicanálise, não é preciso ir muito longe: basta voltar às bases da sexualidade pulsional, sua multiplicidade de objetos, fontes corporais e desvios criativos. A psicanálise faz esse esforço de sobriedade na mesma medida em que se aproxima de saberes que produzem esforços, também em direção a desnaturalização da sexualidade. Deleuze e Guattari (2010), em *o Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, falam do sexual a partir da imagem de máquinas, de um desejo maquínico: máquina urbana, linguística, industrial, pública, de lazer, imaterial, sexual etc., não apenas familiar, ou do território privado e, pequeno-burguês. O originário dá lugar ao artificioso, na conexão do corpo com uma multiplicidade de objetos e territórios.

A parcialidade da pulsão enunciada por Freud em *Três ensaios sobre a sexualidade* (1901/1905) com a descoberta das zonas erógenas e de um corpo fragmentado, é retomado por Deleuze e Guattari (2010, p.11) com o destaque aos objetos parciais, fluxos e cortes do processo desejante, onde se exemplifica o trecho a seguir:

Há tão somente máquinas em toda parte, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas com seus acoplamentos, suas conexões. Uma máquina-órgão é conectada a uma máquina-fonte: esta emite um fluxo que a outra corta. O seio é uma máquina que produz leite, e a boca, uma máquina acoplada a ela.

A máquina desejante em Deleuze e Guattari (2010), com sua lógica de funcionamento por acoplamento de objetos parciais, fluxos e cortes, é uma formulação semelhante à da pulsão em Freud (1915/2016) composta pela montagem de fonte, força, objeto e meta, ambos movidos por uma economia libinal sem representação, que flui de uma tensão corporal constante, utilizando-se de objetos como meio de alcance para a satisfação. Quando a meta é alcançada há um corte, e um novo investimento há de ser feito. De fato, Guattari, aluno e analisante de Lacan, pensou a ideia da máquina desejante como uma forma de pensar o Real em Psicanálise, e de como a clínica pode operar a partir do real pulsional, por meio de uma reinterpretação do objeto a e do circuito pulsional em Lacan (GUATTARI, 1969/2004).

No entanto, em Deleuze e Guattari (2010), se percebe um movimento desejante que enfatiza o aspecto inventivo da pulsão, recriando o próprio corpo, se distanciando de uma suposta natureza. O corpo é posto radicalmente como parcial, é qualificado pelas suas conexões, ou seja, pelo o que o faz funcionar, pela satisfação ou não proporcionada pelos objetos, pelos cortes promovidos a cada novo arranjo, na contramão do corpo imaginário povoado de uma lógica identitária. É interessante que ao equiparar o corpo a uma máquina, se retira os significados inerentes do funcionamento do corpo biológico, sua qualificação é produzida exatamente no seu uso, no que provém dele.

Quando empreendemos uma investigação mais minuciosa sobre a história do corpo legitimado pela ciência, que por vezes tomamos como natural, escutamos algumas máquinas rangendo há tempos a partir do sistema de sexo-gênero e sua manutenção, por uma série de tecnologias e dispositivos. Um verdadeiro maquinário artificioso do sexual, pontuado por Preciado (2018), que sinaliza a coexistência de regimes políticos aparentemente distintos no uso do gênero, quando o este termo é utilizado pela primeira vez, por exemplo, pelo discurso biotecnológico americano, pelo aparato das indústrias médicas e terapêuticas nos anos de 1940 onde que ele aparece. John Money foi o primeiro psicólogo infantil no tratamento de hermafroditas e bebês intersexuais a se valer do uso clínico e diagnóstico do termo gênero. Hormônios eram desenvolvidos e técnicas cirúrgicas para a reparação corporal dos bebês que não se adequavam aos critérios exclusivos do feminino ou masculino. Longe da agenda feminista, o uso do dispositivo do gênero se manifestava a normalização de corpos que não se adequavam aos critérios visuais e discursivos de classificação dos sexos pela medicina.

O que Preciado (2018) traz à tona é a produção em escala global do gênero através do que chama de tecnologias do sexo, como a pílula contraceptiva, tratamentos hormonais com o estrogênio e a progesterona, além das modificações corporais de bebês e posteriormente de adultos. Masculino e feminino são vendidos pela indústria farmacêutica em frascos, em pílulas devidamente embaladas e prescritas pelo biocapitalismo do século XX, diferente dos sistemas disciplinares do século XIX com seus aparatos exteriores e arquitetônicos, o sistema atual penetraria os corpos sutilmente com seus medicamentos e tecnologias íntimas, invasivas e invisíveis.

Enfim, o dimorfismo sexual seria construído artificialmente, o que nos dá a dimensão da maleabilidade do sexo, até então concebido como natural e imutável. A problemática, portanto, não perdura na evidência da potência de transformação dessas

tecnologias sobre o sexo, mas no uso ideológico e político dessas tecnologias, é o que assegura Preciado (2018, p. 115)

Em vez de produzir coletivamente uma epistemologia alternativa (multimórfica) para a compreensão dos corpos e dos desejos, os discursos políticos e biológicos e médicos dos anos 1950, decidem intervir diretamente nas estruturas dos seres vivos para construir artificialmente o dimorfismo sexual, utilizando técnicas cirúrgicas, hormonais e protéticas com apoio das indústrias farmacológicas, médica e alimentícia.

Deste modo, ao passo que Preciado (2018) denuncia a reafirmação do discurso essencialista do corpo sexuado pelas tecnologias, também atesta a ficção do discurso biológico como natural, com suas significâncias inerentes. Se revelam uma legião de aparatos o qual necessita o sistema de sexo-gênero, como aparatos materiais, simbólicos, econômicos e políticos.

Quanto aos aparatos simbólicos, Butler (2003), discorre sobre o sistema de sexo-gênero do ponto de vista do discurso. Criticando o ideal de corpo, no qual o feminismo construtivista tem trabalhado, que descreve o corpo numa espécie de passividade sendo inscrito e submetido pela cultura, nessa leitura o corpo é sinônimo de natureza e o gênero se mostra como o representante da cultura, ao dotar esse corpo de uma série de significados. Como se pode notar, se desenha uma verdadeira metafísica do corpo, ao tornar sua matéria irreduzível, com implicações de reafirmar sobre ele os velhos códigos binários e universais. Com esse posicionamento, a autora afirma o corpo como parte de uma trama discursiva maior, que assume os sentidos dominantes de uma tradição cartesiana e cristã ao transformar o corpo numa matéria inerte, cindida, menos sublime.

Para propor uma revisão da concepção de corpo e da sua passividade perante a alguns ideais, Butler (2003), começa pela ideia de sujeito, na qual uma crítica radical só se daria pela discussão e enfretamento da epistemologia ocidental-cartesiana, produtora de uma metafísica da substância e da unidade. Para a autora essa perspectiva filosófica naturaliza uma certa imagem de humano, tendo o homem como modelo, fazendo a manutenção da ideia de origem e de discursos que sustentam as práticas hegemônicas da relação entre os gêneros. É do descentramento do sujeito da razão, onde se pretende mais uma vez evocar a psicanálise, e utilizando-se da figura do inconsciente como forma de conceber cisões, outros processos e relações, Butler (2003) busca sair de uma política feminista da identidade para um campo que vise a promoção de singularidade.

Assim, o inconsciente se figura como política, como disputa da produção de linguagem e de suas práticas. Butler (2003) evoca Foucault para reafirmar que toda a sexualidade é codificada pelo poder, desse modo, a subversão da lei paterna como fundadora do campo simbólico masculinista, se torna estratégica. A autora defende que o antes ou o depois da incidência da lei no sujeito é uma questão de como se performa, de como se utiliza da gramática masculinista, pois seria uma estratégia política fracassada pensar em um para além do sistema masculinista, quando somos profundamente marcados por este, não seria efetiva a via da negação, mas da subversão dessa gramática pelo seu interior, identificando suas rachaduras e fragilidades.

A virada se daria, justamente no entendimento de um corpo ativo engendrado à linguagem. Nesse sentido, o conceito de performatividade seria central. Preciado (2018, p. 77), sintetiza bem o ficcional do corpo e a relação com a performance pela autora: “São ficções somáticas não porque lhes falte realidade material, mas porque sua existência depende do que Judith Butler denominou repetição performativa de processos de construção política”.

A performatividade do gênero se daria, sobretudo, por atos repetitivos que estilizam os corpos, que passam por gestos, movimentos corporais, se firmando na ilusão de um eu detentor desses atributos, ancorados nos ideais de identidade da feminilidade e masculinidade (BUTLER, 2003). O performativo é revelador ao retirar o véu dos processos de genereficação dos corpos. Quando a identidade entra em jogo, perdemos de vista a instabilidade e temporalidade da estilização dos corpos, que são mantidas como tais pelos atos. Nessa medida o gênero se mostra pelas suas práticas, pelo corpo em constante reafirmação dessas práticas.

Em Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos de 1925, mapeamos anteriormente um processo de inscrição psíquica que ia para além da identidade advinda de um corporal anatômico, quando Freud (1925/2018) afirma uma transitoriedade, de traços femininos e masculinos, em ambos os sexos. Isso se expressaria numa certa masculinização da mulher ou feminização do homem, onde se vê aqui um ato verdadeiramente performático, no qual importam os traços, como são encarnados, como se movem esses corpos com essas marcas do gênero, deixando de lado o anatômico como uma realidade anterior e total sobre o sexo.

Nesse percurso, propomos, aliados ao discurso psicanalítico, para enfatizar as suas linhas de fugas, em direção a um corpo subjetivado através de parcialidades, performances e movimentos pulsionais, elementos constituintes desse discurso, ou ao menos esboçados, para

um movimento de contraposição frente a enunciados que reforçam o hegemônico e o universal. Para irmos mais longe na tarefa de positivação do feminino, se escolheu o caminho da singularidade, priorizando o que se distancia do padrão, indo ao minoritário. Longe de processos de subjetivação que produzem identidades, Deleuze e Guattari priorizaram o devir ou o tornar-se: devir-mulher, devir-animal, devir-molecular, devir-mulher, devir-imperceptível, devir-todo-mundo. Processos de fuga das essências em busca de uma matéria mais intensiva, sensível aos afetos não codificados, na produção de outros territórios existenciais; o devir seria o limiar, uma zona de vizinhança para a criação (DINIS, 2008).

O devir-mulher seria a porta de entrada para os outros devires, a imagem do marginal, do renegado e subalterno feminino, que se reverte na positivação do fora do padrão. O desejo, nesse sentido, se afirma em sua positividade como fuga dos padrões, da fuga de desejos que almejam sua própria repressão. Deleuze e Guattari (2012) apresentam os devires pela sua molecularidade, ou seja, não são aparências, formas, ou imagem de sujeitos que representamos fora de nós, mas se trata sim do campo da experiência na mais alta intensidade, até onde o sujeito pode ir para se desfazer do que o limita de devir, de circular, de fazer do seu corpo uma grande máquina de conexão e experimentação do mundo.

Portanto, o devir-mulher não se pareceria com a mulher molar, ou seja, aquela caracterizada pelo dualismo com o homem, com suas funções e órgãos, mas no que explicam os autores na citação a seguir (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.71)

Ora devir-mulher não é imitar essa entidade, nem mesmo transformar-se nela. Não se trata de negligenciar, no entanto, a importância da imitação, ou mesmo de momentos de imitação, em alguns homossexuais masculinos; [338] menos ainda a prodigiosa tentativa de transformação real em alguns travestis. Queremos apenas dizer que esses aspectos inseparáveis do devir-mulher devem ser primeiro compreendidos em função de uma outra coisa: nem imitar, nem tomar a forma feminina, mas emitir partículas que entrem na relação de movimento e repouso, ou na zona de microfeminilidade, isto é, produzir em nós mesmos uma mulher molecular, criar a mulher molecular.

Como podemos perceber, a estratégia política na qual Deleuze e Guattari (2012) se utilizam é de uma micropolítica do desejo, se afirmando nas bordas e limiares subjetivos, transformando-os em verdadeiras trincheiras. A feminilidade dá o tom do front, não estando do lado de uma forma, mas passando por ela, n, nem do lado do imaginário de um órgão. No entanto, de uma perspectiva política, o corpo feminino representa o afrontamento do molar por ter sido submetido sob as mais diversas formas. A revolta, é, sobretudo, contra aquilo que quer submeter o desejo.

Voltando-se à psicanálise e o que ela tem a ver com esse tipo de desejo maquínico, vamos a sua formulação de feminilidade, e como proposto por Butler (2003), é chafurdando no interior da gramática masculinista que se pode propor outros usos para a linguagem, numa perspectiva política subversiva. Birman (2016) mapeia o conceito de feminilidade na obra tardia de Freud em análise com fim e análise sem fim de 1937, como o limite da masculinidade, designado o “rochedo da castração”, atestando mais uma vez a feminilidade no campo do registro fálico. Contudo, nesse texto a feminilidade também é retratada numa outra perspectiva, de uma posição originária do psiquismo humano, anterior ao modo subjetivo marcado pela inscrição fálica.

Birman (2016), por conseguinte, propõe uma leitura para além do código fálico-castrado, explorando as possibilidades do que seria essa posição originária da feminilidade. Por consequência, a revisão do feminino enquanto negativo vem à esteira, e a própria concepção de sexualidade em psicanálise. O autor, por sua vez, precisa o conceito de feminilidade (Birman, 2016, p. 224):

Quando o discurso freudiano formulou o conceito de feminilidade, foi enunciado que este não se identificaria com a sexualidade feminina no seu sentido estrito. Nem com a masculina, bem entendido. Menos ainda, é óbvio. Não obstante essas diferenciações iniciais, a feminilidade foi concebida como presente no fundo de ambas as modalidades de ordenação sexual, numa posição de latência contra a qual as sexualidades masculina e feminina se organizariam.

A feminilidade seria essa presença incômoda na sexualidade feminina e masculina num campo dominado pelo operador fálico como organizador, por isso o posicionamento oposicionista em relação a essa insígnia provocadora de diferença e movimento.

Um lugar de contraposição é dado à feminilidade, para se pensar um outro ordenamento, onde o falo não designa mais as posições subjetivas feminina e masculina. A feminilidade, segundo Birman (2016), seria uma ausência, o que falta. Dessa maneira, tanto para homens quanto para as mulheres, esse experienciar a falta de referência, de identidade, de falta de pertencimento à ordem simbólica, seria aterrorizante.

Ao introduzir essa novidade teórica, onde o feminino é originário e pode ser lido como princípio, retirando o falo como fundador do psiquismo e da sexualidade, uma posição estratégica é tomada, até mesmo de leitura da cultura, Birman (2016) faz um paralelo cartografando a cultural ocidental, na qual desde o paganismo grego até o cristianismo, o masculino é representado como originário: do patriarca vem o poder, e a ordem, a origem. Feminilizar a cultura significaria ir contra toda a cultura ocidental e sua produção de

subjetividade fundada na conquista, dominação, identidade e pretensão a universalidade, ir contra o inconsciente colonizador do europeu.

A feminilidade seria, pelo contrário, o sintoma de uma subjetividade muito mais próxima da imperfeição, do caótico, do humano demasiado humano. Nessa trama, o falo seria a recusa do imperfeito, a busca pelo total (BIRMAN, 2016). Nesse lance de dados, o autor ressignifica o caótico e o imperfeito feminino, retirando-o do lugar de invejoso ou não representado, lhe dotando de humanidade, o feminino teria um dizer sobre uma existência errante, trágica, intensiva, de carne e ossos.

Na tarefa de se aliar a uma subjetividade cada vez menos ordenada por ideais, se pensou em processos que pudessem fazer devir a figura do feminino, tomar o espaço social e simbólico com outras representações da mulher e do feminino, como se viu, através de uma engenharia do desejo mirasse na potência de criação e acoplamento da pulsão, em um empreendimento de linguagem, que cabe a todo o humano, a partir de invenções possíveis para estar em um mundo de restrições, mas também transformações.

Em 1933, em sua última conferência sobre a temática do feminino, Freud (1933/2018) faz uma associação direta entre feminilidade e vida pulsional, ressaltando a particular relação que haveria entre elas. Concebo o percurso da pesquisa até aqui, vislumbrando a feminilidade como um limite, contudo, um limite positivo, que sinaliza a finitude humana e os movimentos pulsionais e suas experimentações errantes, que nos confrontam com a insatisfação, com as parcialidades, e cisões, e, ainda assim, nos permite viver, numa luta coletiva e singular para afirmar um desejo de vida e invenção, em meio a ideais mortificantes. Com essa leitura de processos subjetivos afirmativos e errantes, a clínica psicanalítica se daria como um espaço de micropolítica de desejos minoritários, podendo acolher a marginalidade, o plural, dar corpo e enunciado a desejos pouco elaborados, onde novas subjetividades possam ser ouvidas e construídas, dando margem e borda para que se possa devir-mulher.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do exposto e percorrido, pretendeu-se historicizar e analisar o campo psicanalítico e as implicações culturais, sociais e políticas da sua concepção de diferença sexual, retirando a psicanálise de um lugar naturalizado, bem como de naturalização das sexualidades. Ao situar o dispositivo analítico ao lado da ética do acolhimento de quem sofre, se atentou para a incongruência com práticas moralizadoras e de normalização dos corpos. Como sustentar uma prática ética diante de enunciados teóricos contraditórios? – Esta foi uma das perguntas moventes. Para isso, se fez uma análise atenta das ambiguidades presentes no discurso analítico em relação ao feminino, na revisão de noções centrais, como a de diferença, buscando lugares verdadeiramente alteritários nas relações, explodindo os domínios habituais e naturalizados da clínica. A subjetividade feminina como uma produção social, por vezes, perpassada pelo fantasma da inferioridade, nos alertou para uma complexa relação de poder que envolve sexualidades distintas do modelo privilegiado culturalmente, qual seja, o masculino.

O Édipo, como representante do mito universal, foi contraposto e desconstruído. O trabalho propôs um reposicionamento do mito socialmente e clinicamente ao situá-lo como uma das fantasias do sexo, não sendo a única – ou seja, reconhecendo o atravessamento por uma cultura profundamente patriarcal e a sua incidência imaginária, em que tal mito, tal como o mito da criação do homem por Deus na Bíblia, é cultuado em seus signos como valores absolutos e os únicos possíveis, servindo de horizonte social e desejante.

Em contrapartida, se priorizou uma visada clínica seguindo as linhas do discurso psicanalítico de um desejo inventivo, pulsional e excessivo, sinalizado pelo feminino, no transbordamento do sujeito da razão e da normalidade instituída, para apontar para um horizonte que é desde sempre o originário na psicanálise: o desejo é da ordem da invenção e não da reprodução. Se assim não fosse, a psicanálise como prática seria inútil. Se assim não fosse, bastaria, na teoria psicanalítica, os conceitos de inconsciente e recalque, que implicam a representação e a falta, quando, na verdade, temos o conceito de pulsão, que implica a criação e o excesso.

Ao apontar as cisões e o que há de sensível no discurso psicanalítico, se recoloca o próprio discurso na trama sóciosimbólica, se distanciando de uma soberania do saber, estando a Psicanálise numa constante revisão e troca com outros saberes e práticas, reconhecendo seus limites e a potência de intervenção na vida cultural. Sem ter a pretensão de autossuficiência ou acabamento, o analista, como um mecânico destravador de máquinas – que opera nas dobras,

enodamentos e torções da vida em sua superfície moebiana, que não distingue o interior e o exterior – se oferece para encetar reparos nas formações de inconsciente, favorecer passagens no fluxo da vida, e, assim, aprender com o movimento. Em sua última conferência sobre o feminino, Freud (1933/2018), admite as influências sociais como fatores importantes a serem considerados para a dita passividade feminina em sua teoria. Interpreto essa passagem como um belo apelo do velho e sempre novo analista vienense: olhem para a fora, é preciso nunca perder de vista o mundo.

REFERÊNCIAS

- AMADOR, Fernanda; FONSECA, Tânia Mara Galli. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa: considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. **Arquivos Brasileiros de psicologia**, v. 61, n. 1, p. 30-37, 2009.
- ÁRAN, Márcia. A psicanálise e o dispositivo diferença sexual. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 653-673, 2009.
- ARÁN, Márcia. Feminilidade, entre psicanálise e cultura: esboços de um conceito. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 10, p. 169-195, 2000.
- BIRMAN, Joel. **Gramáticas do erotismo: a feminilidade e suas formas de subjetivação em psicanálise**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- BIRMAN, Joel. Sexualidade na contemporaneidade. Rio de Janeiro: **Cad. Psicanálise (CPRJ)**, v. 40, n. 38, p. 137-159, 2018.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**. [Trad. Luiz BL Orlandi]. São Paulo, Ed, v. 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. São Paulo: Editora 34, v. 4, 2012.
- DEMES, Jacqueline; CHATELARD, Daniela. CELES, Luiz. O feminino como metáfora do sujeito na psicanálise. Fortaleza, Revista Mal-estar e subjetividade, vol. Xi - Nº 2 - p. 645 - 667, 2011.
- DINIS, Nilson. A esquizoanálise: um olhar oblíquo sobre corpos, gêneros e sexualidades. **Revista sociedade e cultura**, v. 11, n 2, p. 355 a 361, 2008.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. Aspectos históricos da psicanálise pós-freudiana. **História da psicologia: rumos e percursos**, v. 2, p. 387-412, 2006.
- FIERGMMAN, Dominique. Encontro com o feminino: Hilda Hilst e outras. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 42, n. 4, p. 85-92, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. VII, 1901-1905.

- FREUD, Sigmund. **As pulsões e seus destinos—Edição bilíngue**. Autêntica, 2016.
- FREUD, Sigmund. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- FREUD, Sigmund. **Cinco lições de psicanálise**. Edição Standart brasileira das obras psicológicas de Sigmund Freud, v. 11, Imago, 1970.
- FREUD, Sigmund. **Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925)**. In: _____. Amor, sexualidade, feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 259- 276.
- FREUD, Sigmund. **O declínio do Complexo de Édipo (1924)**. In: _____. Amor, sexualidade, feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 247-257.
- FREUD, Sigmund. **A feminilidade (1933)**. In: _____. Amor, sexualidade, feminilidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. p. 313-344
- GUATTARI, Felix. Máquina e estrutura. Em: **Psicanálise e transversalidade: ensaios de análise institucional**, – Aparecida/SP: Ideias & Letras, 2004. p. 309-320
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo**, 1996.
- INOCÊNCIO, Fernando; CARVALHO, Fabiana; PEREIRA, Tamires. A invenção discursiva da mulher histórica: uma imersão no filme Augustine. **Periódicus**, Salvador, n. 5, v. 1, 2016.
- JORGE, Marco Antônio Coutinho; FERREIRA, Nádya Paulo. **Freud: criador da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- JORGE, Marco Antônio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise, de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LAGO, Mara Coelho de Souza. **A psicanálise na onda dos feminismos**. Repositório, Florianópolis, p. 1-23, 2012. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1350/a_psicanalise_nas_ondas.pdf?sequ. Acesso em 04 mai. 2015.
- MANTOVANI, Juliana. Mnemosyne e as musas da palavra (ou a memória e suas narrativas). São Paulo: **Revista Água Viva**, 2018.
- MARTINS, Ana Paula Antunes. O Sujeito "nas ondas" do Feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. **Revista Café com Sociologia**, v. 4, n. 1, p. 231-245, 2015.

NASIO, Juan David. **Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

NERI, Regina. **A Psicanálise e as novas formas de subjetivação e de sexualidade A construção fálica-edípica: Uma teoria da diferença?**. Rio de Janeiro, 2003.

PRECIADO, Paul. **Testo Junkie, sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. N-1 edições, 2018.

ROUDINESCO, Elizabeth. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998

SAFATLE, Vladimir. **Lacan**. São Paulo: Publifolha, 2007.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Nova Iorque, **Columbia University Press**, 1989.

TAMMY, Ayouch. A diferença entre os sexos na teorização psicanalítica: aporias e desconstruções. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 48, n. 4, p. 58-70, 2014.

